Trilha do Tatu

UM GUIA DO CERRADO

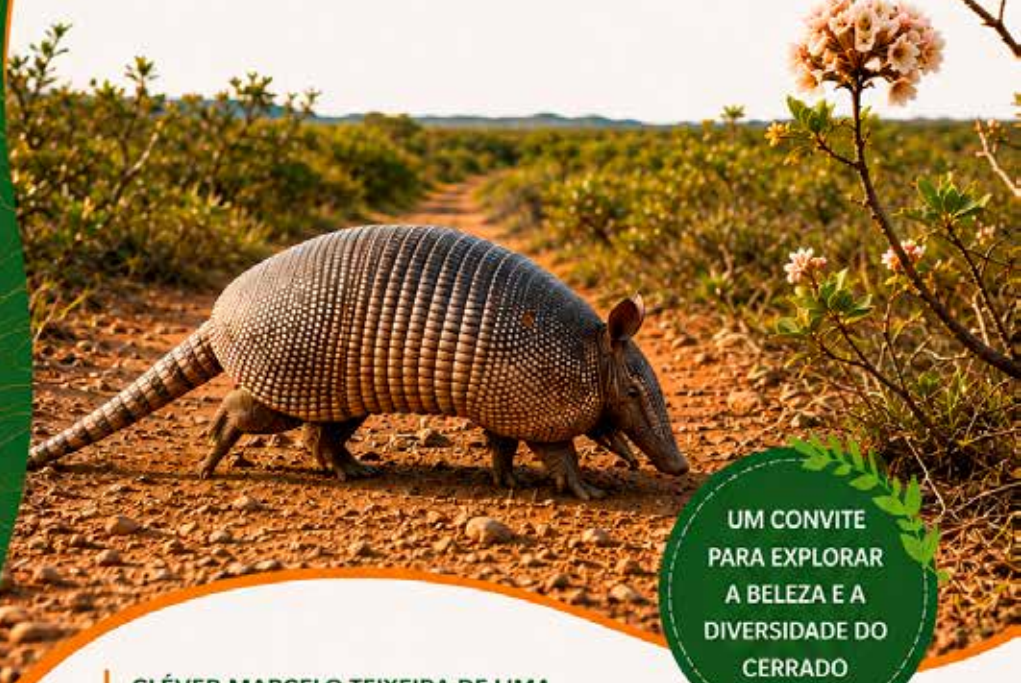
DESCUBRA • CONHEÇA • PRESERVE

NATUREZA ÚNICA

TRILHAS E PAISAGENS

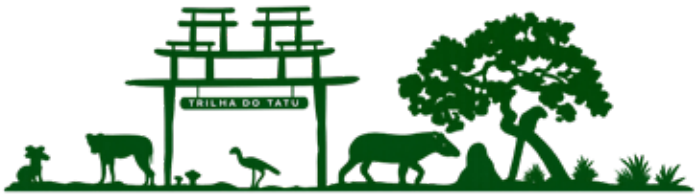
FAUNA E FLORA

APRENDIZADO E CULTURA



UM CONVITE PARA EXPLORAR A BELEZA E A DIVERSIDADE DO CERRADO

CLÉVER MARCELO TEIXEIRA DE LIMA
MIRLEY LUCIENE DOS SANTOS
JULIANA SIMIÃO FERREIRA



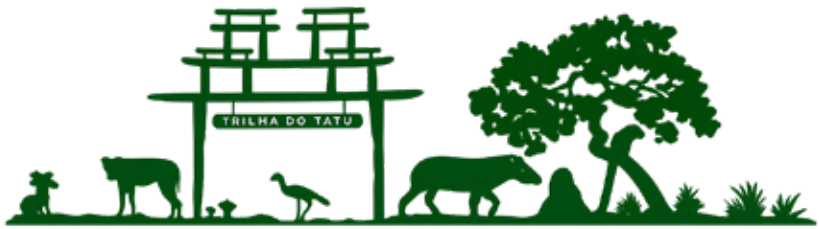
Trilha do Tatu

UM GUIA DO CERRADO

Comitê Científico
Dra. Helida Ferreira da Cunha
Dra. Josana de Castro Peixoto
Dr. Pedro Oliveira Paulo
Dr. Plauto Simão de Carvalho
Dra. Sabrina do Couto de Miranda
Dra. Solange Xavier dos Santos

Universidade Estadual de Goiás

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS



Trilha do Tatu

UM GUIA DO CERRADO

Material didático

CLÉVER MARCELO TEIXEIRA DE LIMA
MIRLEY LUCIENE DOS SANTOS
JULIANA SIMIÃO FERREIRA

Anápolis-GO | 2026

Catalogação na Fonte
Universidade Estadual de Goiás
Biblioteca do Câmpus Central – Sede: Anápolis – CET

L732t Lima, Cléver Marcelo Teixeira de.
Trilha do tatu : um guia do Cerrado : descubra: preserve / Cléver M Lima, Cléver Marcelo Teixeira de. Trilha do tatu : um guia do Cerrado : descubra: preserve / Cléver Marcelo Teixeira de Lima; Mirley Luciene dos Santos; Juliana Simião Ferreira. – Anápolis-GO, 2026.
164 p. il.

ISBN 978-65-978365-7-4 (físico)
ISBN 978-65-978365-5-0 (digital)
DOI: https://doi.org/10.70271/261030.1920

Produto Educacional integrante da Dissertação: Trilha do tatu: visitas mediadas como estratégia para a educação científica e a sensibilização ambiental sobre a biodiversidade do Cerrado. Mestrado Profissional em Ensino de Ciências - Câmpus Central – Sede: Anápolis – CET, Universidade Estadual de Goiás – UEG, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Mirley Luciene dos Santos.
Coorientadora: Profa. Dra. Juliana Simião Ferreira.

1. Educação ambiental. 2. Cerrado. 3. Trilha do Tatu I. Ferreira, Juliana Simião. II. Santos, Mirley Luciene dos. III.Título.

CDU 37

Elaborado por Sandra Alves Barbosa – Bibliotecária – CRB 1 / 2659

Esta obra foi elaborada sob o formato e-book e foi produzida com recursos financeiros da Chamada FAPEG 21/2024 – Programa de Auxílio à Pesquisa Científica e Tecnológica, processo 202510267000441 e Chamada FAPEG 12/2025 – Apoio a projetos de extensão de Instituições de Ensino Superior, processo 202510267001372. A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade dos autores e das autoras.

Sumário

Prefácio 13

Apresentação. 15

O que sabemos sobre o Cerrado?. 17
As fitofisionomias do Cerrado 19
Qual a localização da Trilha do Tatu? 21
Laboratório de Ecologia e Educação Científica (LabEduc) 23
Reserva Ecológica do Cerrado (REC) 25
Tato, o Guia da Trilha. 26
Vamos conhecer a Trilha?. 27

1. Espécies vegetais comuns na área de CerradoTípico. 31
2. Mata Estacional Semidecidual (Mata Seca). 73
3. Mata de Galeria 83
4. Interações Ecológicas observadas 95
5. Vertebrados observados 109

A trilha como caminho 151

Índice 153
Referências 156
Leitura complementar 157

Sobre os autores



CLÉVER MARCELO TEIXEIRA DE LIMA

Possui graduação em Química pela Universidade Estadual de Goiás (2003). Especialista em Ensino de "Ciências da Natureza-Química" pela Universidade de Brasília (2006). Especialista em Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2013). Mestre em Ensino de Ciências pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* Mestrado Profissional em Ensino de Ciências (PPEC), pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) — Campus Anápolis (2024 -2026). Professor da rede pública do Estado de Goias desde 2001 até os dias atuais.



MIRLEY LUCIENE DOS SANTOS

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia, mestre em Botânica e doutora em Ecologia pela Universidade de Brasília. Possui pós-doutorado em Ecologia e Evolução pela Universidade Federal de Goiás. É docente efetiva da Universidade Estadual de Goiás atuando no curso de Ciências Biológicas e no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino de Ciências. Dedica-se a pesquisa sobre o Ensino de Ciências, Desenvolvimento de Produtos e Processos Educacionais, Formação de Professores, Ensino e Popularização sobre o Cerrado.



JULIANA SIMIÃO FERREIRA

Possui graduação em Biologia pela Universidade Estadual de Goiás (2005), mestrado e doutorado em Ecologia e Evolução pela Universidade Federal de Goiás (2008 e 2013, respectivamente). Atualmente, é professora da Universidade Estadual de Goiás e membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-Graduação — Mestrado Profissional em Ensino de Ciências. Atua com experiência nas áreas de Ecologia, com ênfase em Ecologia Aquática, Ensino de Ciências, Ensino por Investigação e Popularização da Ciência.



Monitores da Trilha do Tatu 2025-2026

Aos Monitores da Trilha do Tatu

"Nenhuma trilha ensina sozinha. São as pessoas que lhe dão voz, significado e vida."

Este guia é também uma homenagem aos monitores da **TRILHA DO TATU**, que, com dedicação, entusiasmo e compromisso, transformam cada visita em uma oportunidade de descoberta, reflexão e encantamento. Muito além de conduzir grupos por estes caminhos, vocês constroem pontes entre a ciência e a sociedade, despertam a curiosidade, incentivam perguntas, promovem o diálogo e inspiram o respeito pela natureza. Cada explicação, cada caminhada e cada experiência compartilhada contribui para tornar os estudantes mais conscientes e comprometidos com a conservação da biodiversidade.

Que este material represente um reconhecimento pelo trabalho realizado e fortaleça ainda mais a missão de educar, sensibilizar e aproximar as pessoas do Cerrado.

Meu sincero agradecimento a todos os monitores que fizeram e fazem parte da história da **TRILHA DO TATU**.

Cléver Marcelo T. de Lima

TATO

O tatu explorador

No coração do Cerrado,
entre folhas e chão,
Vive Tato, o tatu,
mestre da exploração.

Com garras ligeiras
e um grande faro,
Cavando caminhos,
sem medo e sem embaraço.

Conhece as árvores,
os ventos, o rio,
Sabe do fogo,
da chuva e do frio.

Se aventura contando,
com rima e sabor,
Os segredos da terra,
com brilho e amor!






TRILHA DO TATU

Prefácio

Avançamos rumo à metade do século XXI e, apesar dos esforços e inúmeras iniciativas de educadores, cientistas e ativistas da conservação, o Cerrado segue sendo devastado e subvalorizado pela sociedade. Com presença ainda insuficiente nas mídias e nas escolas, o Cerrado continua perdendo espaço para o agronegócio, a despeito das graves consequências climáticas e ecossistêmicas que esse processo acarretará e que, inclusive, já podem ser sentidas.

Nesse contexto, a educação sobre o Cerrado é de extrema urgência. Muitos estudos, como a dissertação de mestrado que gerou o presente Guia, confirmam que o contato direto de crianças e jovens com o Cerrado é essencial para promover os sentimentos de pertencimento e cuidado com o bioma a curto e a longo prazos. Daí a importância das trilhas interpretativas.

Dentre as muitas trilhas espalhadas pelo Cerrado, a **TRILHA DO TATU**, sem dúvida, se destaca. O fato de estar dentro de um campus da Universidade Estadual de Goiás (UEG), adjacente ao Laboratório de Ecologia e Educação Científica (LabEduC) faz toda a diferença! Esse contexto tem levado a **TRILHA DO TATU** a ser objeto de pesquisas e projetos que vem contribuindo com a educação científica e ambiental, formando inúmeros educadores e defensores do Cerrado, ligados à comunidade acadêmica da UEG e às escolas da região.

O professor Cléver e as professoras Mirley e Juliana apresentam aos educadores mais do que um guia de visitação à **TRILHA DO TATU**, mas um surpreendente livro sobre a diversidade e beleza do Cerrado, com excelentes ilustrações

e texto agradável e informativo. Fique atento e aproveite a companhia do Tato nessa leitura que fará de você mais um admirador e defensor do Cerrado!

Marcelo Bizerril
Universidade de Brasília

Apresentação

A **TRILHA DO TATU** é um espaço de aprendizagem que convida estudantes, professores e visitantes a conhecerem mais de perto a riqueza do Cerrado, um dos biomas mais biodiversos do planeta. Ao longo do percurso, a observação da paisagem, das plantas, dos animais e das interações ecológicas possibilita experiências que complementam os conhecimentos construídos em sala de aula, aproximando a ciência da realidade vivenciada pelos participantes.

Como espaço não formal de educação, a trilha favorece a investigação, a curiosidade e o contato direto com a natureza, estimulando a compreensão da importância da conservação da biodiversidade e do patrimônio natural do Cerrado. Cada parada representa uma oportunidade para observar, questionar, interpretar e construir conhecimentos sobre os diferentes elementos que compõem esse ambiente.

Este guia foi elaborado a partir da dissertação **TRILHA DO TATU**: visitas mediadas como estratégia para a educação científica e a sensibilização ambiental sobre a biodiversidade do Cerrado", desenvolvida no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino de Ciências (PPGPEC), da Universidade Estadual de Goiás, com a finalidade de apoiar as atividades educativas desenvolvidas, servindo tanto como material de consulta para estudantes da Educação Básica quanto como recurso de apoio para professores, monitores e mediadores do projeto de Extensão Trilha Ecológica do Tatu: promovendo Educação Científica e Ambiental do Cerrado pertencente ao Programa de Extensão Trilhas do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás.

O seu objetivo é orientar a observação dos ambientes percorridos, apresentar informações sobre a biodiversidade local e contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas contextualizadas e significativas. Portanto, este guia é um convite à descoberta, à valorização do Cerrado e à construção de uma relação mais consciente e responsável com a natureza.

Os autores

O que sabemos sobre o Cerrado?

O Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul e ocupa cerca de 22% do território brasileiro. Abrange os estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Tocantins, Bahia, Maranhão, Piauí e o Distrito Federal. É conhecido como a "savana brasileira", pois apresenta características semelhantes às savanas africanas.



O Cerrado apresenta clima Tropical Sazonal, com duas estações bem definidas: um período seco, de maio a setembro, e outro chuvoso, de outubro a abril. Seus solos são predominantemente ácidos e pobres em nutrientes, embora possam ser classificados em diferentes tipos.

A vegetação é composta por diversas fitofisionomias, que variam desde formações campestres até savânicas e florestais. A fauna, a flora e a funga são altamente biodiversas, com a ocorrência de um grande número de espécies endêmicas, ou seja, exclusivas do Cerrado.

As fitofisionomias do Cerrado

O Cerrado apresenta uma grande diversidade de paisagens vegetais chamadas de fitofisionomias, que variam de áreas abertas, com gramíneas, até áreas com vegetação densa, semelhantes a florestas. Essa variação ocorre devido a fatores como tipo de solo, disponibilidade de água e influência do fogo. As principais Fitofisionomias do Cerrado são brevemente descritas as seguir.

Formações Florestais (Florestas do Cerrado)

São áreas com vegetação densa e árvores de maior porte. Ocorrem geralmente em locais com solos mais férteis e maior disponibilidade de água. Entre elas estão a Mata Ciliar, Mata Galeria, Mata Seca e Cerradão.

Formações Campestres (Campos do Cerrado)

São áreas abertas, com vegetação rasteira, predominando gramíneas e arbustos. Entre elas estão o Campo Sujo, Campo Limpo e o Campo Rupestre.

Formações Savânicas (Cerrado Típico)

Apresentam árvores espaçadas e retorcidas, com arbustos e um estrato graminoso cobrindo o solo. Entre elas estão o Cerrado *stricto sensu* e as veredas.

Reserva Ecológica da UEG — Trilha do Tatu — Cerrado s.s.

Fonte: Autores (2024).



Qual a localização da Trilha do Tatu?



Fonte: Google Earth (2026).

Localização da Trilha do Tatu e da Reserva Ecológica (REC) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no Campus Central — Sede, Anápolis, GO



Ilustração: Emanuella Messias (2025).



Imagem do Laboratório de Ecologia e Educação Científica — LabEduC/UEG

Fonte: Autores (2024).

LabEduc
Laboratório de Ecologia e Educação Científica

O Laboratório de Ecologia e Educação Científica (LabEduC) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) está localizado no Campus Central Sede (CET), em Anápolis-GO. Esse espaço consolidou-se como um importante centro de integração entre ensino, pesquisa e extensão, atuando de forma articulada com escolas, professores e a comunidade em geral. Seu foco está em aproximar a ciência da sociedade e em valorizar o bioma Cerrado, promovendo atividades que unem a prática científica e a educação ambiental.

A missão das atividades no LabEduC é promover a educação científica e ambiental crítica, incentivando a conservação da biodiversidade e a formação de cidadãos conscientes. Entre seus objetivos estão: o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a ecologia do Cerrado; a produção e o uso de recursos didáticos e científicos; a formação de professores e estudantes da educação básica e superior; além da criação de oportunidades de popularização da ciência em diferentes espaços de aprendizagem.

Sobre o Laboratório

O laboratório dispõe de uma estrutura diversificada que favorece a prática pedagógica e científica. Conta com coleções científicas de insetos, répteis, plantas e fósseis, além de maquetes, modelos didáticos e equipamentos como microscópios e lupas. Seu espaço expositivo é aberto a visitantes e funciona em articulação com a **TRILHA DO TATU**. Essa integração possibilita experiências educativas significativas, aliando observação, experimentação e sensibilização ambiental.



Visitação de estudantes ao LabEduC — Arquivo do Laboratório de Ecologia e Educação Científica / UEG

Fonte: Autores e Monitores do Lab. (2025).

Por meio de visitas guiadas, oficinas, trilhas interpretativas e projetos de extensão, o LabEduC atua como um espaço não formal de educação, fortalecendo a interface entre universidade e escola. Nessas ações, estudantes, professores e a comunidade têm a oportunidade de aprender de maneira interativa sobre ecologia, ciência e conservação, desenvolvendo uma consciência ambiental mais ampla.

REC

Reserva Ecológica do Cerrado

Na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Central — Sede, em Anápolis, encontra-se uma área natural de Cerrado, a Reserva Ecológica do Cerrado — REC da UEG, com três formações fitofisionômicas: cerrado *stricto sensu*, mata estacional semidecidual (mata seca) e mata galeria, as quais são cortadas por uma trilha interpretativa de educação científica e ambiental sobre o Cerrado, chamada **TRILHA DO TATU**.

A Reserva Ecológica do Cerrado da UEG, abriga uma riqueza de espécies animais, vegetais e de fungos. A flora é composta, predominantemente, pelas plantas típicas e tortuosas do cerrado *sensu stricto*.

Reserva Ecológica da UEG — Trilha do Tatu — cerrado s.s.

Fonte: Autores (2024).



Tato, o Guia da Trilha

Este é o Tato, um tatu-galinha curioso, observador e que será seu companheiro durante a visita à Trilha do Tatu. Como morador da Reserva Ecológica do Cerrado (REC), ele conhece bem esse ambiente e ajudará você a descobrir curiosidades sobre a fauna, a flora e as diferentes paisagens do Cerrado.

Ao longo deste guia, Tato apresentará informações, fará observações e destacará aspectos importantes que poderão ser percebidos durante a caminhada. Assim, esperamos que sua experiência na trilha seja uma oportunidade para observar, aprender e compreender melhor a biodiversidade do Cerrado.

Vamos começar essa aventura?



Vamos conhecer a Trilha?

A trilha possui 1.500 metros que cortam as três fitofisionomias até próximo ao Córrego Barreiro. Atividades de Educação Científica e Ambiental vem sendo realizadas desde 2001, e no ano de 2023 o projeto "Trilha Ecológica do Tatu: promovendo educação científica e ambiental no Cerrado" foi cadastrado na Pró-Reitora de Extensão da UEG, com a finalidade de sistematizar, ampliar e divulgar essas atividades.

Portal de entrada da Trilha do Tatu — cerrado stricto sensu

Fonte: Autores (2016).

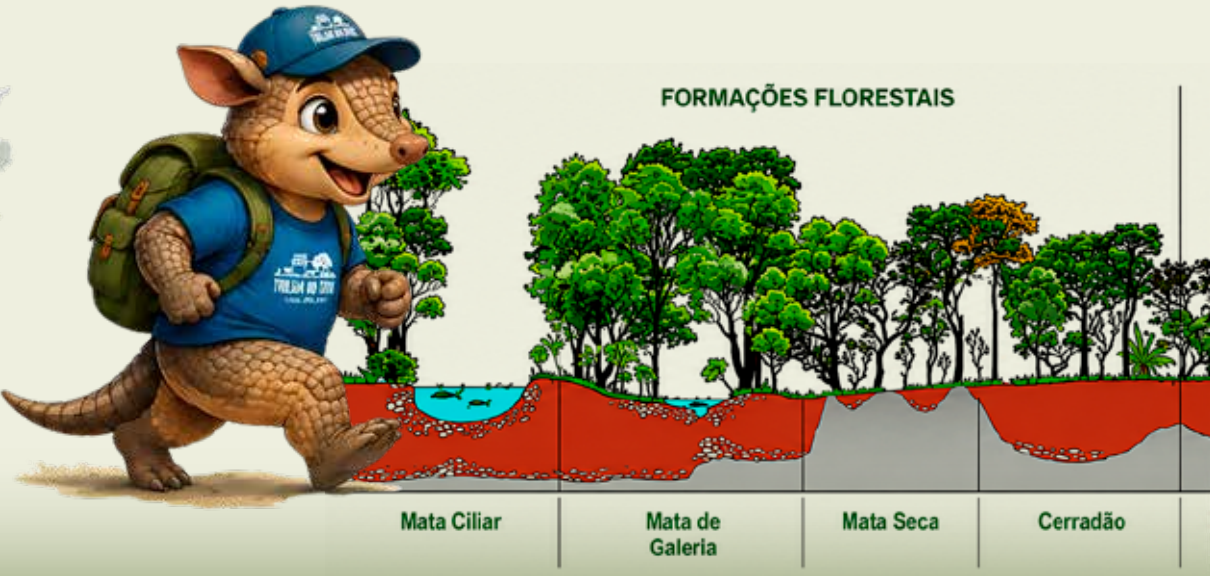


A fitofisionomia cerrado *sensu stricto* ocupa a maior parte da área da Reserva Ecológica da UEG (REC) e da **TRILHA DO TATU**. Este subtipo de vegetação arbóreo-arbustivo apresenta cobertura arbórea que varia entre 5% e 20%, com altura média de dois a três metros. É o tipo mais baixo e menos denso do Cerrado (Bastos, 2010).

Ao caminhar por esta área do Cerrado, podemos observar muitas plantas baixas, como pequenos arbustos, ervas e capins que cobrem grande parte do solo. As árvores costumam ter entre 2 e 5 metros de altura e apresentam características muito especiais: seus troncos são retorcidos, suas cascas são grossas e suas raízes são profundas. Essas adaptações ajudam as plantas a sobreviver aos períodos de seca e até mesmo às queimadas naturais que fazem parte da dinâmica desse ambiente.

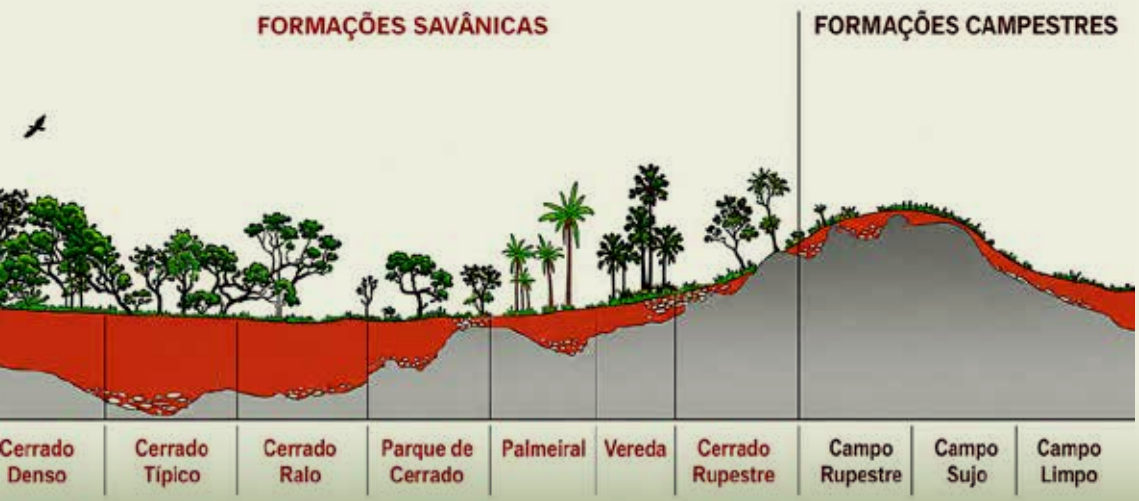
Esquema das fitofisionomias do Cerrado

Fonte: Adaptado de Ribeiro e Walter (2008).



Reserva Ecológica da UEG — Trilha do Tatu — cerrado sensu stricto no período seco

Fonte: Autores (2024).





Fonte: Autores (2025)

Ao descer o primeiro trecho da trilha, encontramos várias espécies características do Cerrado, como o jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*), o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), a laranjinha-do-cerrado (*Styrax ferrugineus*), o murici (*Byrsonima pachyphylla*), a canela-de-ema (*Vellozia squamata*), a lixeirinha (*Davilla elliptica*), o pau-santo (*Kielmeyera speciosa*), a lobeira (*Solanum lycocarpum*) e o pau-terra (*Qualea grandiflora*), entre muitas outras. Essas plantas ajudam a contar a história do Cerrado e mostram a grande diversidade de vida presente nesse ambiente.





Trilha do Tatu

ESPÉCIES VEGETAIS COMUNS NA ÁREA DE CERRADO TÍPICO

JATOBÁ-DO-CERRADO

Hymenaea stigonocarpa Mart. ex Hayne

O nome “jatobá” vem do guarani e significa “árvore de fruto duro”. Os frutos são apreciados *in natura* por populações rurais. Sua polpa farinácea é utilizada na culinária para fazer mingau, biscoitos, pães e bolos. Além disso, a polpa é usada na produção de geleias e licores.

O jatobá-do-Cerrado pode alcançar em média 5 a 6 metros de altura. Sua importância ecológica reside no fato de suas flores fornecerem néctar aos polinizadores, como os morcegos, e seus frutos servirem de alimento para diversas espécies da fauna.



Fonte: Autores (2025)



O Jatobá abre o início da nossa trilha. Podemos observar um lindo indivíduo ao lado do portal de entrada.

MICONIA

Miconia ferruginata DC
Miconia albicans DC

Miconia ferruginata é nativa do Cerrado brasileiro e tem grande importância tanto ecológica quanto medicinal e econômica.

As folhas são simples, opostas, e apresentam uma coloração verde escura na face superior e ferruginosa (marrom-avermelhada) na face inferior, o que dá origem ao nome "ferruginata". As flores são pequenas, geralmente brancas ou cremes.

Diversas partes da planta, como folhas, cascas e raízes, são utilizadas na medicina popular. Estudos indicam que a *Miconia ferruginata* possui propriedades anti-inflamatórias, antimicrobianas e antioxidantes.

Miconia albicans se destaca pelo aspecto esbranquiçado da face inferior de suas folhas, característica que lhe dá o nome *albicans*, que significa "branca" ou "clareada".





Fonte: Autores (2025).





Fonte: Autores (2025).

Além da *Miconia ferruginata*, nesta trilha encontramos outras plantas pertencentes à mesma família, Melastomataceae, uma delas é a *Miconia albicans*, também conhecida como "Canela-de-velho", vamos ver algumas curiosidades.

Os frutos das duas espécies citadas são pequenos e arredondados, e servem de alimento para várias espécies de aves e pequenos mamíferos que vivem na **TRILHA DO TATU**, porém os frutos da *M. ferruginata* são de coloração arroxeada ou quase negra quando maduros, enquanto os frutos da *M. albicans* possuem uma coloração verde esmeralda. Embora ambas produzam frutos semelhantes e sabor adocicado e similar ao de figos, a *Miconia albicans* costuma formar cachos mais densos, enquanto a frutificação da *M. ferruginata* é mais discreta.

Na **TRILHA DO TATU**, a presença das duas espécies permite mostrar aos estudantes como plantas aparentadas podem desenvolver adaptações diferentes para sobreviver às condições do Cerrado. Enquanto a *M. ferruginata* usa tricomas densos e coloração ferruginosa para se proteger da radiação solar, a *Miconia albicans* aposta no brilho esbranquiçado para refletir luz e economizar água.



Foto: Mirley Santos

BARBATIMÃO

Stryphnodendron adstringens
(Mart.) Coville

É amplamente reconhecido por suas propriedades medicinais e pela importância ecológica que desempenha no bioma do Cerrado. Pode atingir em média, alturas entre 4 e 6 metros, embora alguns indivíduos possam crescer mais. A casca é rugosa e tem uma coloração marrom-avermelhada, sendo uma das partes mais utilizadas da planta devido às suas propriedades medicinais.

As folhas são compostas bipinadas. As flores são pequenas e de coloração esbranquiçada, formando inflorescências do tipo espiga. Os frutos são vagens que contêm sementes duras.

Pesquisas científicas têm confirmado muitas das propriedades medicinais do barbatimão, abrindo caminho para seu uso em produtos farmacêuticos e fitoterápicos. Estudos mostram eficácia em tratamentos de úlceras gástricas, diabetes, e infecções microbianas.

CAFEZINHO

Rapanea guianensis
(Aubl.) Kuntze

O cafezinho, nome popular da *Rapanea guianensis*, é uma árvore muito comum no Cerrado e integrante da família Primulaceae. Ele recebe esse nome por produzir pequenos frutos arredondados e escuros, parecidos com grãos de café, que amadurecem ao longo do ano. Esses frutos são muito apreciados por aves frugívoras, que ajudam na dispersão das sementes, conectando o cafezinho a importantes ciclos ecológicos da **TRILHA DO TATU**.

Suas folhas são simples, alongadas e de cor verde brilhante, com cheiro característico quando amassadas. A planta costuma crescer em áreas abertas, bordas de mata e locais úmidos, mostrando sua grande versatilidade no Cerrado. Apesar de ser discreto, o cafezinho tem grande importância ecológica: oferece alimento para a fauna, contribui para a regeneração natural e é capaz de rebrotar mesmo após queimadas, o que a torna adaptada à dinâmica do bioma.



Fotos: Autores (2025).



VASSOURA-DE-BRUXA

Ouratea hexasperma
(A. St.-Hil.) Baill

É uma árvore típica do Cerrado e pertencente à família Ochnaceae. Seu caule principal frequentemente é retorcido e tortuoso. Suas folhas são rígidas e adaptadas para resistir ao calor e à seca, características comuns das plantas do Cerrado. Durante a floração, produz pequenas flores amarelas que se destacam na paisagem e atraem diversos insetos.

É chamada de vassoura-de-bruxa por causa da flor que assume a forma de uma vassourinha no seu estágio final. Produz frutos que amadurecem na estação chuvosa, os quais ficam pretos quando maduros e são atrativos para aves, que auxiliam na dispersão das sementes.





Fotos: Autores (2025).

CAPARROSA-BRANCA

Neea theifera Oerst.





Fotos: Autores (2025).

A caparrosa-branca, da família Nyctaginaceae, é uma pequena árvore muito comum no Cerrado, reconhecida por suas folhas simples, firmes e de coloração verde-clara, além da casca clara que lhe dá o nome popular. Suas inflorescências discretas, geralmente em tons esbranquiçados, atraem pequenos insetos, enquanto seus frutos arredondados, que escurecem ao amadurecer, servem de alimento para aves e outros animais que ajudam na dispersão das sementes.

Na **TRILHA DO TATU**, a caparrosa-branca é um exemplo importante da diversidade estrutural do Cerrado, mostrando como espécies aparentemente simples desempenham papéis essenciais na alimentação da fauna, proteção do solo e manutenção do equilíbrio ecológico do bioma.



Foto: Mirley Santos (2024)

PAU-TERRA

Qualea grandiflora Mart.

O nome popular faz referência a madeira com terra pelo ataque por cupins. É reconhecida por suas características botânicas, importância ecológica e aplicações medicinais e econômicas. Suas propriedades curativas são valorizadas pelas comunidades locais, e seu potencial econômico continua a ser explorado.

O pau-terra pode atingir 6 metros de altura, sendo uma árvore de médio porte. A casca é espessa, de coloração acinzentada ou marrom-clara, e frequentemente apresenta fissuras.

É planta caducifólia. As folhas são simples e opostas. As flores são grandes, vistosas e de coloração amarela reunidas em inflorescências terminais. Floresce principalmente na estação chuvosa. Os frutos são cápsulas lenhosas que se abrem na estação seca, liberando sementes aladas.

CANELA-DE-EMA

Vellozia squamata Pohl

A canela-de-ema é um arbusto de porte baixo que pode atingir alturas entre 0,5 a 2 metros. É planta caducifólia. O caule é ereto e ramificado; os ramos são geralmente curtos, cilíndricos e agrupados em nós concêntricos de bainhas fibrosas, revestido por uma casca escamosa característica, que confere à planta uma aparência peculiar.

As folhas são rígidas, lineares, com bordas serrilhadas, dispostas em rosetas nas porções terminais dos ramos. As flores são grandes, vistosas, geralmente de cor lilás ou azul, dispostas em inflorescências terminais. Os frutos são cápsulas secas que contêm numerosas sementes pequenas.

Diversas partes da planta, como folhas e caule, são utilizadas na medicina popular. A planta é conhecida por suas propriedades anti-inflamatórias, cicatrizantes e analgésicas. Infusões e decocções das folhas e do caule são utilizadas para tratar inflamações, dores, feridas, problemas respiratórios e gastrointestinais.



Foto: Mirley Santos (2024)



Fotos: Autores (2025)

MARMELO-DO-CERRADO

Plenckia populnea Reisssek

O marmelo-do-Cerrado, da família Celastraceae, é uma árvore nativa facilmente reconhecida por seu tronco tortuoso e pela casca espessa, características típicas de plantas que vivem sob forte sol e longos períodos de seca. Suas folhas são pequenas, rígidas e brilhantes, ajudando a reduzir a perda de água.

A casca e as folhas são usadas tradicionalmente em forma de chás e infusões, sobretudo para aliviar dores no corpo, inflamações e problemas digestivos leves. Algumas comunidades rurais também utilizam a planta como cicatrizante natural, aplicando preparações feitas a partir da casca em pequenos ferimentos.

Na **TRILHA DO TATU**, o marmelo-do-Cerrado é um ótimo exemplo de como as árvores do bioma desenvolvem adaptações especiais para sobreviver em ambientes quentes, secos e sujeitos ao fogo natural.

CORAÇÃO-DE-NEGRO

Piptocarpha rotundifolia Baker



Fotos: Autores (2025).

O coração-de-negro da família Asteraceae, é uma árvore bastante comum no Cerrado e fácil de reconhecer pelo tronco escuro e pelas folhas arredondadas e rígidas, características que lhe dão o nome popular. Adaptada ao clima seco, essa espécie possui raízes profundas e rebrotamento rápido após queimadas naturais, mostrando alta resistência. Suas flores claras, reunidas em pequenos capítulos, atraem abelhas, borboletas e outros insetos, enquanto seus frutos secos, com pequenas cerdas, são levados pelo vento, garantindo a dispersão das sementes.



Foto: Mirley Santos (2024)

LARANJINHA-DO-CERRADO



Styrax ferrugineus
Nees & Mart.

A laranjinha-do-cerrado é uma pequena árvore que pode alcançar alturas entre 3 a 5 metros em média. A casca é lisa e cinzenta, podendo apresentar fissuras à medida que a planta envelhece.

As folhas são simples, de forma ovalada a elíptica. As flores são pequenas, brancas e perfumadas, reunidas em inflorescências terminais ou axilares florescendo principalmente durante a estação chuvosa. Os frutos são drupas globosas, de coloração alaranjada quando maduros, lembrando pequenas laranjas, daí o nome popular. Diversas partes da planta, como casca, folhas e frutos, são utilizadas na medicina popular.

A casca e as folhas da laranjinha-do-cerrado são conhecidas por suas propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e analgésicas. Infusões e decocções da casca e das folhas são utilizadas para tratar inflamações, dores, problemas respiratórios e digestivos.

BATE-CAIXA

Palicourea rigida HBK



Fotos: Autores (2025).

A bate-caixa é uma arvoreta que pode atingir alturas entre 1 a 3 metros. O caule é lenhoso e ramificado, com casca rugosa. As folhas são opostas, simples, coriáceas, de formato elíptico a oblongo, com margens inteiras e nervuras evidentes. As flores são pequenas, de cor amarelo-avermelhadas, agrupadas em inflorescências terminais. Os frutos são drupas globosas, de cor vermelha a preta quando maduros, e contêm várias sementes pequenas.

Diversas partes da planta, como folhas e raízes, são utilizadas na medicina popular. A planta é conhecida por suas propriedades anti-inflamatórias, antitérmicas e antimicrobianas.

Infusões e decocções das folhas e das raízes são utilizadas para tratar febres, inflamações, infecções e problemas gastrointestinais. Espécies de microfungos endofíticos, que só podemos ver ao microscópio, estão associados com suas raízes (Santos *et al.* 2021).



Foto: Mirley Santos (2024)

PAU-DOCE

Vochysia rufa (Spreng.) Mart.

O pau-doce se destaca por suas características botânicas e importância ecológica, medicinal e econômica. O pau-doce pode atingir alturas entre 2 a 6 metros em média, seu caule é ereto, com casca rugosa e de coloração cinza a marrom. As folhas são simples, verticiladas, de formato elíptico a lanceolado, com margens inteiras e nervuras pronunciadas.

As flores são pequenas, de cor amarela, reunidas em inflorescências terminais. Os frutos são cápsulas lenhosas que se abrem em três partes, liberando sementes aladas.

Pesquisas científicas têm investigado as propriedades bioativas do pau-doce, confirmando seu potencial para o desenvolvimento de medicamentos fitoterápicos. Estudos indicam que os extratos da planta possuem atividade antioxidante e anti-inflamatória. Produz goma na casca e ramos.

MURICI

Byrsonima pachyphylla A.Juss.

São várias as espécies conhecidas como murici, entre as quais o murici amarelo e o rosa. O murici amarelo é uma pequena árvore que pode alcançar entre 2 a 5 metros de altura em média. Sua casca é reticulada e de cor castanho-a-vermelhado; pulverulento. Suas folhas são simples, opostas cruzadas de formato oblongo a elíptico, com margens inteiras.

As flores pequenas são amarelas, arranjadas em inflorescências, geralmente vistosas. Nas sépalas das flores aparecem pares de glândulas que atraem abelhas coletoras de óleos. Os frutos são drupas globosas, com polpa suculenta e sabor marcante, de cor amarela, quando maduros.

Os frutos do murici são consumidos *in natura* pelas populações locais e também são utilizados na produção de sucos, geleias, doces e licores. É comum ser colocado na cachaça para aromatizar. Além disso, o murici é uma excelente fonte de nutrientes, incluindo vitaminas e minerais.



Foto: Mirley Santos (2024)

MURICI -ROSA

Byrsonima coccolobifolia Kunth

O murici-rosa da família Malpighiaceae, é uma planta típica do Cerrado, facilmente reconhecida por seus frutos pequenos e muito aromáticos e apreciados pela fauna. Suas folhas são simples, de textura áspera e com pelinhos finos na parte inferior, uma adaptação importante para reduzir a perda de água em épocas de seca. Durante a floração, produz flores roseas vibrantes, que atraem abelhas nativas e outros polinizadores, reforçando seu papel ecológico. Já os frutos, além de alimentar aves e pequenos mamíferos, ajudam na dispersão natural das sementes. Na **TRILHA DO TATU**, o murici-rosa (*B. coccolobifolia*) e o murici (*B. pachyphylla*) convivem no mesmo ambiente e ajudam os estudantes a perceberem como espécies do mesmo gênero podem apresentar características semelhantes e, ao mesmo tempo, funções complementares no Cerrado.

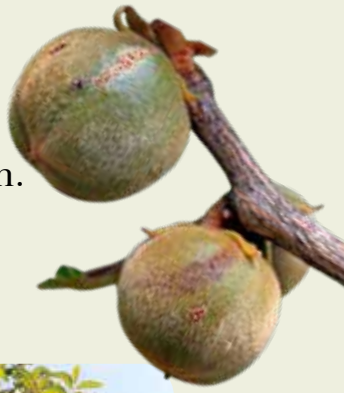


Foto: Mirley Santos (2024)

A diferença principal está cor das flores e morfologia das folhas: *B. coccolobifolia* apresenta flores róseas e folhas sésseis com textura mais áspera, enquanto *B. pachyphylla* possui flores amarelas e folhas peciladas e mais espessas, pilosas na face inferior.

OLHO-DE-BOI

Diospyros lasiocalyx (Mart.) B.Walln.







Fotos: Autores (2025).

O olho-de-boi ou caqui-do-cerrado, da família Ebenaceae, é uma árvore típica do Cerrado, reconhecida pelos frutos arredondados e de coloração castanho-escura, que lembram o olho de um boi, origem do seu nome popular. Esses frutos são carnosos e muito apreciados por aves e mamiferos que ajudam na dispersão das sementes.

Suas folhas são simples, firmes e verde-escuras, bem adaptadas ao clima seco, e a árvore costuma apresentar tronco resistente e casca espessa, características comuns das espécies do Cerrado. Durante a floração, produz pequenas flores, porém ricas em néctar, que atraem insetos polinizadores. Na **TRILHA DO TATU**, o olho-de-boi é um excelente exemplo de como as árvores do Cerrado oferecem alimento para a fauna, contribuem para a regeneração natural e demonstram importantes adaptações ao fogo e à seca.

ARAÇÁ

Psidium laruotteanum Cambess





Fotos: Autores (2025).

O Araçá, também chamado de Araçá-cascudo, da família Myrtaceae, é uma pequena árvore muito comum no Cerrado, conhecido por seus frutos arredondados e aromáticos, semelhantes a pequenas goiabas. Suas folhas são simples, rígidas e levemente aromáticas quando amassadas, uma característica comum às mirtáceas. Durante a floração, a planta produz flores brancas e delicadas, que atraem abelhas, besouros e outros pequenos polinizadores. Já seus frutos, que variam do amarelo ao avermelhado quando maduros, são saborosos, possuem sabor adocicado e baixa acidez, são apreciados por aves, mamíferos e também por pessoas, sendo usado na confeitaria, *in natura*, ou em doces e cremes. Na **TRILHA DO TATU**, o Araçá ajuda os estudantes a compreender como as plantas do Cerrado oferecem alimento para a fauna, atraem polinizadores e estão adaptadas ao clima seco e ao solo pobre do bioma.

CARNE-DE-VACA

Roupala montana Aubl.

A *carne-de-vaca* é uma pequena árvore que pode atingir entre 3 a 5 metros de altura em média. A casca é geralmente fissurada e tem uma cor acinzentada. As folhas são alternas, coriáceas, e podem apresentar uma margem inteira ou dentada. São geralmente verde-escuras na parte superior e mais claras na parte inferior.

As flores são pequenas, de cor amarelo-esverdeada, e se agrupam em inflorescências densas. Os frutos são folículos lenhosos que se abrem quando maduros para liberar sementes aladas. Diversas partes da planta, como casca, folhas e raízes, são utilizadas na medicina popular. A casca e as folhas da *carne-de-vaca* são conhecidas por suas propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e analgésicas. Preparações e Remédios: Infusões e decocções da casca são utilizadas para tratar inflamações, dores e problemas digestivos.



Fotos: Autores (2025).

MANGABA

Hancornia speciosa Gomes





Fotos: Autores (2025).

A mangabeira é uma árvore caducifólia, de porte médio, podendo alcançar de 4 a 6 metros de altura e que apresenta exsudação leitosa (látex). O látex pode ser utilizado na produção de borracha. O caule apresenta casca áspera e reticulada. As folhas coriáceas são simples e opostas, de formato oblongo ou elíptico. A presença de pilosidade na folha irá depender da variedade encontrada, já que existem ao menos três variedades ocorrendo no Cerrado. A mangabeira floresce de agosto a novembro, sendo polinizada por mariposas. Suas flores são tubulares de cor branca. Os frutos são bagas carnosas, globóides, amareladas podendo ou não apresentar manchas vináceas. São ricos em proteínas, ferro e vitamica C, servindo de alimento para as populações locais e para a fauna (macacos e micos, aves). O consumo só é possível depois do fruto estar totalmente maduro, geralmente colhido no chão, em função da presença do látex, presente também na sua polpa. É uma espécie de ampla ocorrência, não se limitando ao bioma Cerrado.

LIXEIRINHA

Davilla elliptica A.St.-Hil.



Foto: Mirley Santos (2024)

A lixeirinha é um pequeno arbusto que pode atingir até 2,5 metros de altura. O caule é delgado e flexível, com casca marrom-acinzentada e levemente fissurada. As folhas são simples, alternas, de formato elíptico a oval, com margens onduladas e nervuras pronunciadas, coriáceas e de textura áspera, o que justifica o nome popular. As flores são pequenas, de cor amarela, reunidas em inflorescências terminais. Os frutos são cápsulas biloculares, contendo sementes envoltas por arilo brancacento. Os frutos são dispersos por pássaros (ornitocoria), facilitando a propagação da planta.

Estudos indicam que os extratos da planta possuem atividade antioxidante e anti-inflamatória. Devido às suas propriedades medicinais, os extratos da lixeirinha são utilizados na formulação de produtos cosméticos e fitoterápicos, como cremes, loções e pomadas. As folhas secas são usadas para artesanato. As folhas silicosas servem como lixas e para arear panelas.



BACUPARI

Salacia crassifolia
(Mart. ex. Schult.) G. Don





Fotos: Autores (2025).

O bacupari, da família Celastraceae, é uma planta típica do bioma e muito conhecida pelos seus frutos arredondados e amarelos, de polpa doce e bastante apreciada pela fauna. Esses frutos servem de alimento para aves, roedores e outros animais, que ajudam na dispersão das sementes e mantêm o equilíbrio ecológico. A planta pode ocorrer como arbusto ou pequena árvore, com folhas simples, firmes e brilhantes, adaptadas ao clima seco. Sua casca é espessa e o tronco, muitas vezes tortuoso, características comuns das espécies do Cerrado que enfrentam longos períodos de estiagem e queimadas naturais.

Na **TRILHA DO TATU**, o bacupari é um ótimo exemplo de como as plantas do Cerrado combinam adaptações ambientais, importância ecológica e interações com a fauna, enriquecendo a experiência dos estudantes.

PAU-SANTO

Kielmeyera speciosa A.St.-Hil.

O "pau-santo" é planta caducifólia e pode atingir alturas entre 2 e 5 metros. O caule é reto, com casca espessa e fissurada, de coloração cinza a marrom. As folhas são simples, opostas, de formato elíptico a oblongo, com margens inteiras, coriáceas e nervuras pronunciadas com tom avermelhado.

As flores são grandes, vistosas, de cor rosa a branca, reunidas em inflorescências terminais. Os frutos são cápsulas lenhosas que se abrem em três partes, liberando sementes pequenas e aladas.

Pesquisas científicas têm investigado as propriedades bioativas do pau-santo, confirmando seu potencial para o desenvolvimento de medicamentos fitoterápicos. Estudos indicam que os extratos da planta possuem atividade anti-inflamatórias, cicatrizantes e antimicrobianas.



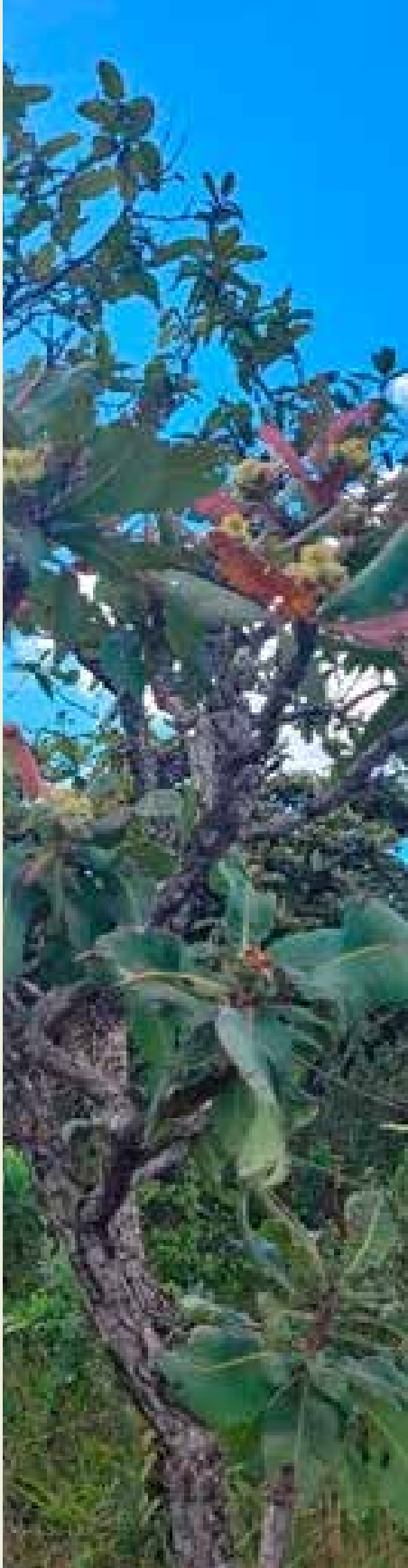


Foto: Mirley Santos (2024)

PAU-DE-LEITE

Himatanthus obovatus
(Muell.Arg.) Woodson



Foto: Mirley Santos (2024)

O pau-de-leite, com suas flores vistosas e frutos característicos, é uma atração em trilhas ecológicas e parques naturais, contribuindo para o turismo sustentável na região do Cerrado. O pau-de-leite pode atingir alturas entre 2 e 5 metros, seu caule possui casca de cor marrom-clara a cinza, que libera um fluido leitoso e pegajoso, um látex branco, característica que lhe dá o nome popular. Suas folhas são simples, alternas, espiraladas, de formato oblongo a elíptico, com margens inteiras e nervuras bem delineadas e possuem uma textura lisa e brilhante. As flores são tubulares, de coloração branca ou rosada e os frutos são folículos fusiformes que contêm sementes aladas, facilitando a dispersão pelo vento. O látex é utilizado na medicina popular por suas propriedades cicatrizantes, anti-inflamatórias e analgésicas.

MUXIBA-COMPRIDA

Erythroxylum tortuosum Mart.



A muxiba-comprida, da família Erythroxylaceae, é um arbusto muito comum no Cerrado, facilmente reconhecido por seus ramos tortuosos e folhas simples, pequenas e firmes, uma adaptação à seca e ao solo pobre do bioma. Durante a floração, produz flores pequenas e esbranquiçadas, que atraem insetos polinizadores. Seus frutos pequenos e vermelhos, quando maduros, são apreciados por aves e pequenos mamíferos, que ajudam na dispersão das sementes. Essa espécie apresenta grande resistência ao fogo e rebrotamento rápido, mostrando como a vegetação do Cerrado é adaptada às condições extremas do ambiente. Na **TRILHA DO TATU**, a muxiba-comprida é importante para mostrar aos estudantes como arbustos nativos contribuem para a alimentação da fauna, a regeneração natural e a diversidade estrutural do bioma.





Fotos: Autores (2025).



CABELO-DE-NEGRO

Erythroxylum suberosum
A.St.-Hil.

O cabelo-de-negro, da família Erythroxylaceae, é um arbusto ou pequena árvore típica do Cerrado, facilmente reconhecido pela casca escura e bastante fissurada. Suas folhas são simples, pequenas e rígidas, adaptadas ao clima quente e seco, enquanto os ramos tortuosos ajudam a reduzir a perda de água e suportar ventos fortes. Durante a floração, a espécie produz pequenas flores esbranquiçadas, que atraem abelhas e outros insetos. Seus frutos vermelhos, quando maduros, são muito procurados por aves, que auxiliam na dispersão das sementes.

Forte e resistente ao fogo, o cabelo-de-negro é um ótimo exemplo de como as plantas do Cerrado desenvolveram estratégias de sobrevivência e desempenham papel importante na alimentação da fauna, ciclagem de nutrientes e manutenção do equilíbrio ecológico na **TRILHA DO TATU**.



Ao encontrarmos uma espécie como esta, é comum nos deparamos com uma estrutura pilosa e ferrugínea crescendo sobre as suas folhas. Essa estrutura é chamada galha, como a que vemos na foto ao lado!

LOBEIRA

Solanum lycocarpum A.St.-Hil.





Fotos: Autores (2025).

A lobeira é uma fonte crucial de alimento para várias espécies de animais, especialmente o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*). A lobeira, fruta-do-lobo ou jurubebão, é uma pequena árvore, nativa do Cerrado brasileiro, que pode atingir até 3 metros de altura. O caule é lenhoso e ramificado, com espinhos e casca cinzenta a marrom. As folhas são grandes, oblongas a elípticas, com margens onduladas e cobertas por uma camada de pelos que lhes confere uma textura áspera. As flores são vistosas, com corolas de coloração azul-arroxeada e estames amarelos. Os frutos são grandes, esféricos, de coloração verde-amarelada quando maduros, contendo polpa carnosa e numerosas sementes. Na medicina popular, a lobeira é utilizada para tratar uma variedade de condições, incluindo diabetes, hipertensão, inflamações e problemas digestivos.

Os frutos da lobeira constituem uma parte significativa da dieta dos lobos e outros mamíferos, ajudando na sua sobrevivência em períodos de escassez de outras fontes alimentares.



CAJUZINHO-DO-CERRADO

Anacardium humile A. St.-Hil.

O cajuzinho-do-cerrado é uma espécie nativa do bioma Cerrado, reconhecida por seu pseudofruto pequeno e saboroso. A espécie é uma árvore de troncos tortuosos e ramificados. Possui casca rugosa e resistente ao fogo.



Fotos: Autores (2025).

A espécie, que é caducifólia, possui folhas simples, coriáceas (com textura espessa e resistente) e de coloração verde intensa. Tem formato oblongo ou elíptico. As flores são pequenas, de coloração esbranquiçada a rosada, com odor forte que atrai insetos polinizadores, especialmente abelhas e borboletas.

O "fruto" é um pseudofruto suculento, de cor avermelhada ou alaranjada quando maduro, com sabor adocicado e levemente ácido. Já a castanha (fruto verdadeiro), localizada na extremidade do pseudofruto, é rica em óleo e pode ser consumida após torrefação. O "fruto" é ainda utilizado no preparo de sucos, licores, doces e geleias, suas castanhas podem ser usadas na confecção de biojoias e outros produtos e o óleo extraído da castanha tem potencial para uso na produção de cosméticos e medicamentos naturais.

Observando mais de perto



Ao percorrermos a trilha vamos observar algumas estruturas fascinantes que chamam a atenção... são as "Galhas". Elas evidenciam a complexa relação entre plantas e organismos indutores de galhas.



E O QUE SÃO AS GALHAS?...

A galha ocorre quando um organismo interage com a planta hospedeira, liberando substâncias químicas que estimulam a divisão celular e o crescimento desordenado dos tecidos vegetais. Esse processo dá origem a uma estrutura morfológica denominada galha que pode ocorrer em diferentes partes da planta, como folhas, caules, flores, frutos e raízes.







Fotos: Autores (2025).





Fotos: Autores (2025).



As Galhas da Trilha do Tatu

Ao caminhar pela **TRILHA DO TATU**, é possível observar diferentes tipos de galhas, que são "casinhas" formadas pelo próprio tecido da planta quando um inseto coloca seu ovo ali. Um exemplo muito comum é a galha globóide, encontrada nas folhas de *Psidium laruoteanum*, conhecido como "araçá". Essas galhas têm formato arredondado, parecem pequenas bolinhas presas à folha e servem como abrigo e alimento para a larva que vive dentro delas. Outro exemplo é a galha discóide, presente em espécies como *Aspidosperma tomentosum*. Ela é mais achatada, lembrando um "disquinho colado" na superfície da folha. Durante a trilha, se consegue observar como cada galha tem uma forma diferente, dependendo do tipo de inseto que a produz.

Também são muito interessantes as galhas que aparecem nas folhas da *Qualea parviflora* e da *Qualea multiflora*, árvores muito comuns no Cerrado. No caso da *Qualea parviflora*, podem surgir dois tipos diferentes de galhas na mesma planta, o que mostra que ela é uma "super-hospedeira", pois consegue abrigar mais de uma espécie de inseto galhador ao mesmo tempo. Esses exemplos ajudam os estudantes a perceber a riqueza de interações entre plantas e insetos e a importância ecológica desse fenômeno no Cerrado.

GALHAS OBSERVADAS NA TRILHA DO TATU















Fotos: Autores (2025).

Então...

A **INDUÇÃO** das galhas ocorre quando um organismo interage com a planta hospedeira, liberando substâncias químicas que estimulam a divisão celular e o crescimento desordenado dos tecidos vegetais. Esse processo pode ocorrer em diferentes partes da planta, como folhas, caules, flores, frutos e raízes.



Fonte: Autores (2025).

E para fechar a primeira etapa...

OS CUPINS E CUPINZEIROS

Isso mesmo, a cada curva percorrida por nossa trilha, nos deparamos com uma formação surpreendente formada por esses pequenos seres... os cupins e suas contruções arquitetônicas perfeitas.

CUPINZEIRO encontrado na lateral do caminho da "Trilha do Tatu".





Fonte: Autores (2025).

OS CUPINS E OS CUPINZEIROS



Fonte: https://cupim.proec.ufabc.edu.br/cornitermes-cumulans

No percurso da **TRILHA DO TATU**, que atravessa as três fitofisionomias presentes na Reserva Ecológica, encontramos uma diversidade de cupinzeiros com formatos variados, desde estruturas arredondadas até aquelas em forma de pirâmide. No interior desses cupinzeiros, os cupins constroem complexos "condomínios" formados por túneis e galerias que ajudam a manter a temperatura e a umidade constantes, tanto ao longo do dia, quanto durante as diferentes estações do ano.

Os cupins desempenham um papel crucial no ecossistema do Cerrado, contribuindo significativamente para a saúde e a estrutura desse bioma. Eles são essenciais para a decomposição da matéria orgânica, ciclagem de nutrientes e manutenção da fertilidade do solo.

O *Cornitermes cumulans* é uma espécie de cupim amplamente encontrada no Cerrado brasileiro, e é uma das espécies mais reconhecidas e estudadas nesse bioma. Esta espécie pertence à família Termitidae e é conhecida por suas características distintas e seu impacto ecológico.

Cornitermes cumulans é notável por seus cupinzeiros grandes e conspícuos, que podem se elevar a mais de um metro de altura. Os cupinzeiros têm uma forma característica de torre ou pirâmide e são construídos com solo e saliva, que os tornam bastante duros e resistentes às intempéries.

Fiquem ligados, os cupinzeiros servem de abrigo para muitas outras espécies, como répteis, anfíbios, aves e pequenos mamíferos.
Então... todo cuidado é pouco!



Fonte: Autores (2025)





Fonte: https://eventos.ufabc.edu.br/symterme

O *Serritermes serrifer* é uma espécie de cupim que faz parte da rica fauna do Cerrado. Esta espécie pertence à família Serritermitidae e é conhecida por suas características e comportamentos únicos.

É um cupim relativamente pequeno, com operários que apresentam corpos esbranquiçados e mandíbulas adaptadas para mastigar madeira e outras formas de celulose. As colônias geralmente são encontradas em solos arenosos e vegetação rasteira do Cerrado. Os ninhos são subterrâneos, diferente de outras espécies de cupins que criam cupinzeiros acima do solo. É um decompositor eficiente, alimentando-se principalmente de madeira morta e outras matérias vegetais. Desempenham papel crucial na reciclagem de nutrientes no ecossistema, ajudando a decompor matéria orgânica e retornando nutrientes valiosos ao solo.

O *Serritermes serrifer*, é um típico inquilino obrigatório. Seus hospedeiros geralmente são espécies do gênero *Cornitermes*.



Fonte: https://cupim.proec.ufabc.edu.br

INQUILINISMO

Os cupins vivem associados aos cupinzeiros de outras espécies.

Parada obrigatória...

MIRANTE

O Mirante, é o primeiro ponto de parada no trajeto da T**RILHA DO TATU**. Aqui socializamos o que aprendemos e observamos a paisagem do Cerrado. Do mirante é possível observar abaixo as formações de Mata Seca e Mata de Galeria, além de outra formação de cerrado que se estende até os limites da reserva, que faz divisa com o setor industrial de Anápolis ao fundo. Do mirante também se observa uma usina de energia solar e algumas fazendas.



Mirante — Reserva Ecológica da UEG — Trilha do Tatu — cerrado s.s.

Foto: Mirley Santos (2024).

Mirante — Reserva Ecológica da UEG — Trilha do Tatu — recebendo visita de escola

Foto: Mirley Santos (2016).







Trilha do Tatu

MATA SECA



Foto: Mirley Santos (2024)

Mata Estacional Semidecidual

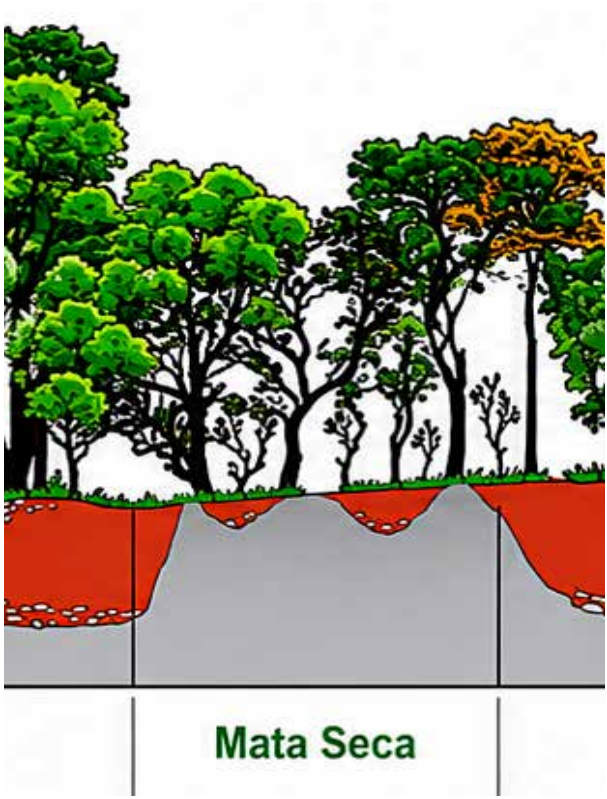
[Mata Seca]

A Mata Seca, também chamada Mata Semidecicual, é uma mata que não ocorre associada a córregos ou rios, daí o seu nome. Além disso, durante a estação seca, muitas árvores perdem suas folhas, o que reduz a evapotranspiração, ajudando a conservar a água. Isso resulta em uma aparência mais aberta e copas menos densas durante esse período. Espécies características incluem árvores como ipês e jatobás, que estão adaptadas a sobreviverem em condições de seca prolongada. Esses vegetais geralmente possuem sistemas radiculares profundos, o que lhes permite acessar água em camadas mais profundas do solo.

Geralmente, a **MATA SECA** ocorre em solos mais ricos em nutrientes e menos profundos em comparação com outras fitofisionomias do Cerrado. Esses solos podem ser mais férteis, mas são suscetíveis à erosão se a cobertura vegetal for removida.



IMPORTÂNCIA ECOLÓGICA



Fonte: Diagrama de Perfil Mata Seca Semidecídua (Ribeiro e Walter, 1998)

A queda das folhas durante a estação seca ajuda a conservar a água no solo e a reduzir a perda de umidade.

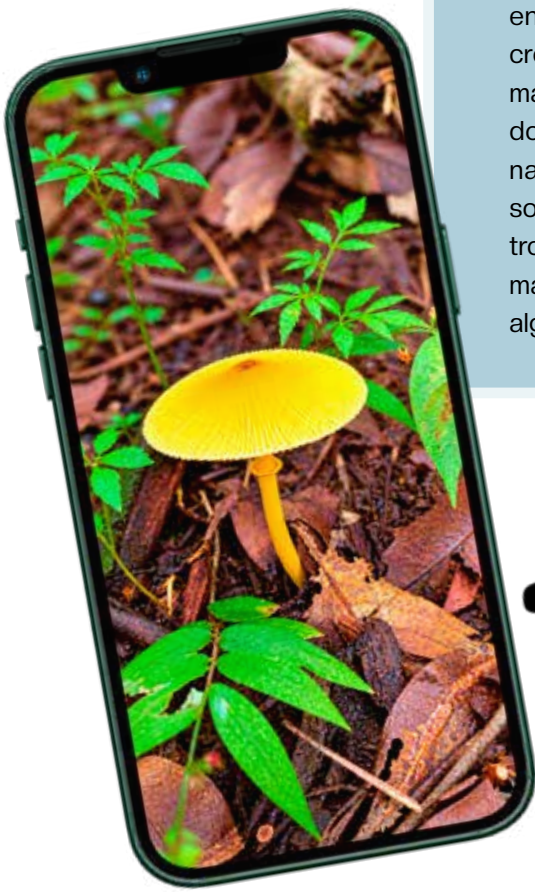
Fornece habitat para uma variedade de espécies que são adaptadas a condições de seca, contribuindo para a biodiversidade regional.

O ambiente é favorável para uma variedade de espécies, destacando-se os insetos que buscam abrigo abaixo da serrapilheira (camada de folhas, galhos, frutos, flores, raízes e resíduos animais que se acumula no solo) ou nas árvores. Além dos insetos, muitas aves utilizam a mata, para abrigo ou busca por alimento. Na época das chuvas, observa-se uma verdadeira explosão de musgos, fungos e mixomicetos.

Na **MATA SECA** encontramos uma rica fauna de insetos, desde os que vivem em colônias até os solitários. Muitas aves são atraídas por esses insetos que servirão de alimento. Animais maiores também utilizam as matas como refúgio.



Na época da chuva vamos encontrar muitos fungos macroscópicos (vistos a olho nu), mas independente da estação do ano, encontramos fungos na Mata. Eles são vistos no solo, na serrapilheira ou sobre troncos. Cada um com sua forma e textura. Vamos conhecer alguns?



Funga da TRILHA DO TATU



Urupé

Foto: Francisco Calaça (2024)



Goma-de-mascar

Foto: Francisco Calaça (2024)

Na Trilha, sobretudo nas áreas de mata, é fácil encontrarmos diferentes espécies de fungos. Eles podem crescer com a forma de "orelhas-de-pau", como o *Pycnoporus sanguineus*, conhecido popularmente como urupê, e também o *Schizophyllum commune*, conhecido como fungo-goma-de-mascar.

Encontramos fungos em forma de cogumelos, como o *Lentinus crinitus*, que recebeu um nome curioso dos indígenas Yanomami: cogumelo-ânus-peludo. Nas áreas de mata, é comum vermos também o cogumelo-de-côco, da espécie *Oudemansiella cubensis*.



Cogumelo-ânus-pelado

Foto: Francisco Calaça (2024)



Cogumelo-de-coco

Foto: Francisco Calaça (2024)

Nos meses mais chuvosos é comum observarmos no solo da mata um estranho fungo que aparenta a forma de uma estrela, sendo conhecido como estrela-da-terra. Esses fungos pertencem ao Gênero *Geastrum*. O nome vem do *geo* que significa terra e o aster que significa estrela, e tem como língua matriz o Grego.



Foto: Mirley Santos (2024).



Foto: Mirley Santos (2024).

Outro organismo curioso que aparece na Trilha, são os 'falsos-fungos" pertencentes ao grupo dos protistas. Eles são conhecidos como "amebas-terrestres", e cientificamente nomeados como mixomicetos. Alguns mixomicetos que aparecem com frequência são o *Arcyria cinerea* e o *Hemitrichia serpula*.



Foto: Serenella Linares
(https://www.inaturalist.org)



Foto: Katja Schulz
(https://www.inaturalist.org)

Mesmo parecendo um fungo, o mixomiceto pertence a um grupo de amebas! Ele vive sobre troncos e folhas, alimentando-se de pequenos microrganismos. Esses curiosos seres ajudam a manter o equilíbrio da natureza e ainda são estudados pelos cientistas por seu potencial na produção de medicamentos, cosméticos e biocombustíveis, além de indicarem a qualidade do ambiente onde vivem.

Briófitas





Fonte: https://www.todamateria.com.br/briofitas

As briófitas são plantas pequenas e simples, que geralmente vivem em lugares úmidos e sombreados. Elas são conhecidas por serem as plantas terrestres mais antigas e por não possuírem estruturas como flores, sementes ou vasos condutores (como o xilema e o floema, que transportam água e nutrientes nas plantas maiores).

Estas pequenas plantas, não possuem vasos condutores, por isso dependem da água do ambiente para sobreviver. Vivem em ambientes úmidos, utilizando como substratos troncos, barrancos, rochas, dentre outros. Fazem fotossíntese, como todas as plantas e se reproduzem por esporos. Seus principais representantes são os Musgos, as Hepáticas e os Antóceros.

Sobre as sensações...



Trilha do Tatu — Parada — Mata Seca

Fonte: Autor (2024).

No interior da Mata Seca podemos sentir o clima mais ameno (de temperatura agradável e sem ventanias), sentir o frescor da mata, o ar mais úmido e puro. Ainda no interior, é possível observar abaixo da serrapilheira uma infinidade de vida: insetos, fungos, musgos.



Trilha do Tatu

MATA DE GALERIA



Córrego Urubu no interior da Mata de Galeria

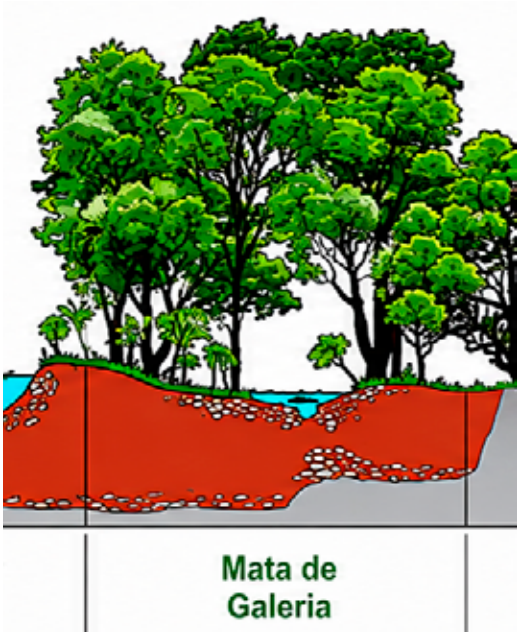
Foto: Autores (2024).

Mata de Galeria

Ao final do trajeto da **TRILHA DO TATU**, observamos a fitofisionomia Mata de Galeria, que se caracteriza por uma vegetação florestal que acompanha rios (neste caso, o córrego Barreiro), formando corredores fechados sobre os cursos de água (Bastos, 2010). A Mata de Galeria é geralmente mais densa e alta do que outras formações vegetais do Cerrado, devido à maior disponibilidade de água ao longo do ano.



As **MATAS DE GALERIA** proporcionam habitats para uma grande variedade de espécies de plantas e animais, incluindo muitas espécies aquáticas e semi-aquáticas. Incluem árvores e arbustos que estão adaptados a solos úmidos e que mantêm suas folhas durante todo o ano. Exemplos são o breu, a virola e o pau-pombo.



Fonte: Diagrama de Perfil Mata de Galeria (Ribeiro e Walter, 1998).

A Mata de Galeria desempenha um papel essencial na proteção das nascentes e na manutenção da vida ao redor, abrigando grande diversidade de plantas e animais. Embora ocupem pouco mais de 5% da área total do Cerrado, essas matas concentram mais de 30% das espécies vegetais vasculares do bioma, evidenciando sua grande relevância ecológica.





Interior da Mata de Galeria

Foto: Juliana Simião (2016).

Enquanto isso no rio...

INSETOS AQUÁTICOS

Os insetos aquáticos são aqueles que passam pelo menos uma fase de sua vida na água, como as libélulas, efemerópteros e certos mosquitos. Eles podem ser encontrados em diversos ecossistemas aquáticos do Cerrado, como rios, córregos, lagos, lagoas temporárias, veredas e até em cavidades de plantas, como as bromélias. São organismos adaptados a esses ambientes e desempenham funções ecológicas importantes.

Principais grupos de insetos aquáticos

Efemerópteros	*Ephemeroptera*
Libélulas / Donzelinhas	*Odonata*
Besouros Aquáticos	*Coleoptera*
Percevejos Aquáticos	*Hemiptera*

Esses insetos têm papel central no funcionamento dos ecossistemas aquáticos, especialmente por participarem da cadeia alimentar e da ciclagem de nutrientes. Servem de alimento para muitos animais, como peixes, anfíbios e aves, e ajudam na decomposição da matéria orgânica. No Cerrado, sua diversidade é fortemente influenciada pela sazonalidade climática,

com períodos de chuva intensa e secas prolongadas que alteram diretamente os corpos d'água e suas comunidades biológicas.

No córrego Barreiro, na nascente e no lago ao final da **TRILHA DO TATU**, é possível observar a riqueza desses sistemas aquáticos e a presença de insetos como besouros d'água, efemerópteros e ninfas de libélulas. Muitos desses organismos atuam como fragmentadores, alimentando-se de folhas, galhos e detritos que caem nos cursos d'água. Esse processo facilita a decomposição da matéria orgânica e a liberação de nutrientes, garantindo a saúde dos rios e a manutenção da vida aquática.

Alguns grupos são sensíveis às mudanças no ambiente, e por isso, são considerados indicadores biológicos de qualidade ambiental. Alguns respondem rapidamente a alterações como poluição, assoreamento e desmatamento, enquanto outros toleram ambientes degradados. Isso permite avaliar a qualidade ambiental dos ecossistemas aquáticos do Cerrado com base na presença, ausência e na abundância desses organismos.

Então, é importante ressaltar que os impactos ambientais alteram as características físico-químicas da água e modificam os substratos, que funcionam como microhabitats para esses insetos. Tais mudanças comprometem a biodiversidade local, provocando a exclusão de espécies sensíveis e o aumento de grupos mais tolerantes.



EFEMERÓPTEROS

(Ephemeroptera)





Fotos: Frederico Salles Falcão (2024).

Conhecidos como efêmeras, os efemerópteros passam a maior parte de sua vida no estágio larval, em ambientes aquáticos. As larvas são sensíveis à qualidade da água e são usadas como bioindicadores de ecossistemas saudáveis. Elas habitam o fundo de córregos e rios, onde se alimentam de detritos orgânicos e algas. Na fase adulta, esses insetos vivem por um curto período, geralmente de um a dois dias, com o objetivo de se reproduzir.

LIBÉLULAS E DONZELINHAS

(Odonata)



Fotos: Frederico Salles Falcão.

As larvas de libélulas e donzelinhas (*subordens Anisoptera* e *Zygoptera*, respectivamente) são predadores aquáticos vorazes. Elas habitam córregos e lagoas, alimentando-se de pequenos invertebrados e até mesmo peixes pequenos. As libélulas são importantes tanto na fase larval aquática quanto como adultas, quando controlam populações de insetos como mosquitos. As donzelinhas, embora menores, também desempenham um papel importante como predadores e como presas para outros animais.





Fotos: Frederico Salles Falcão.



BESOUROS AQUÁTICOS

(Coleoptera)

Os besouros aquáticos são extremamente diversificados no Cerrado. Famílias como Dytiscidae e Hydrophilidae incluem espécies que vivem em lagos, lagoas e córregos, tanto em águas rápidas quanto em águas paradas. Alguns besouros aquáticos são predadores e se alimentam de outros insetos aquáticos, enquanto outros se alimentam de matéria orgânica em decomposição, ajudando a reciclar nutrientes no ambiente aquático.





Fonte: http://www.planetainvertebrados.com.br

PERCEVEJOS AQUÁTICOS

Hemiptera



Fonte: wikipedia.org

Percevejos aquáticos, como os *Notonectidae* (costas-de-barco) e *Belostomatidae* (barqueiros gigantes), são comuns em corpos d'água do Cerrado. Eles são predadores eficientes, caçando pequenos peixes, girinos e outros insetos aquáticos. Espécies de *Belostoma* possuem um comportamento parental interessante, com os machos cuidando dos ovos que as fêmeas depositam em suas costas.



Fonte: https://www.vdvelde.com

Insetos aquáticos no LabEduc

Ciência que se toca



Fonte: Autores (2025)

Complementando a vivência sensorial da **TRILHA DO TATU**, o Laboratório de Ecologia e Educação Científica (LabEduc) oferece aos estudantes e visitantes uma experiência interativa voltada à compreensão dos insetos aquáticos do Cerrado. Esses pequenos seres, muitas vezes invisíveis aos olhos no cotidiano, ganham destaque por meio de modelos didáticos ampliados e pelúcias educativas, desenvolvidos especialmente para o ensino.

Com o apoio dos monitores capacitados e professores, os visitantes são convidados a observar, tocar e explorar réplicas fiéis de insetos como besouros d'água, ninfas de libélula e outros invertebrados que habitam os corpos hídricos da região. Essa abordagem prática permite que se compreenda, de forma lúdica e acessível, as adaptações corporais, os modos de vida e as interações ecológicas desses organismos com o ambiente aquático.

Ao manusear os modelos em forma de pelúcia, os estudantes aprendem sobre morfologia e ciclo de vida dos insetos, assim como sobre a importância ecológica desses insetos, que atuam como indicadores de qualidade da água e componentes essenciais da cadeia alimentar.

CIÊNCIA QUE SE TOCA
Modelos de insetos aquáticos no LabEduc





















Trilha do Tatu

INTERAÇÕES ECOLÓGICAS OBSERVADAS

Interações ecológicas

São inúmeras as interações observadas ao longo da trilha. Na maioria dos casos, os insetos estão envolvidos, seja predando, herbivorando, polinizando ou parasitando as espécies vegetais.



Predação

Foto: Mirley Santos (2024).



Herbivoria

Foto: Mirley Santos (2024).



Polinização

Fonte: portal.zoo.bio.br



Parasitismo

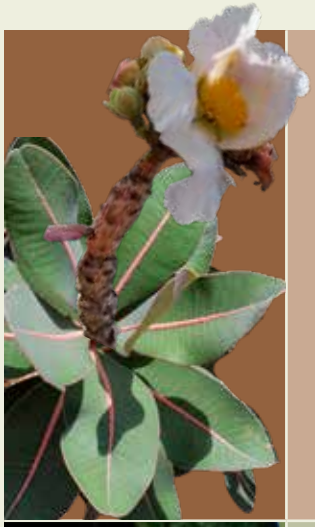
Foto: Mirley Santos (2024).

Polinização

A polinização por insetos é um dos processos ecológicos mais importantes no Cerrado, pois garantem a reprodução sexuada das plantas. Diversas espécies de abelhas, borboletas, besouros e vespas são responsáveis por essa função. Preservar esses polinizadores, por meio de ações que promovam a conservação dos habitats naturais e práticas agrícolas sustentáveis, é essencial para garantir a saúde ecológica do Cerrado.



Aos primeiros passos que damos por aqui, já observamos uma infinidade destes polinizadores. Se cuidarmos destes "pequenos seres", poderemos garantir o amanhã de muitas espécies nativas do nosso Cerrado.



PAU-SANTO

Kielmeyera speciosa A.St.-Hil.

Apresenta lindas flores brancas/róseas com numerosos estames amarelos, o que é bastante atrativo para as abelhas, que atuam como polinizadoras eficazes.





LARANJINHA-DO-CERRADO

Styrax ferrugineus Nees & Mart.

Com suas flores brancas de odor adocicado são muito atrativas para abelhas grandes.



MURICI

Byrsonima pachyphylla A.Juss.

Suas flores amarelas são polinizadas principalmente por abelhas, que são atraídas pelas glândulas de óleo na base das sépalas da flor.

E as Formigas, qual o seu papel no Cerrado?



As formigas são outro destaque, desempenhando papel crucial nos ecossistemas do Cerrado, ao atuarem como engenheiros ecológicos que contribuem para a manutenção da saúde do solo e a ciclagem de nutrientes. As formigas no Cerrado têm uma variedade de comportamentos e interações ecológicas importantes, como a dispersão de sementes (mirmecocoria), controle de populações de outros insetos, decomposição de matéria orgânica e aeração do solo.

Principais espécies de formigas

Formiga Cortadeira	*Acromyrmex spp.* *Atta spp.*
Formiga Lava-pé	*Solenopsis invicta*
Formiga Preta	*Ectatomma brunneum*

As formigas-cortadeiras, especialmente dos gêneros *Atta* e *Acromyrmex*, são talvez as mais conhecidas no Cerrado. Elas cortam folhas e outros materiais vegetais para cultivar fungos em seus formigueiros subterrâneos. Essa relação simbiótica entre as formigas e o fungo é essencial para a sua alimentação. Embora sejam vistas como pragas agrícolas, essas formigas desempenham um papel vital na ciclagem de nutrientes e aeração do solo.

FORMIGA CORTADEIRA

Acromyrmex spp.





Fonte: slideplayer.com.br

Também conhecida como quenquém, sua coloração é castanha, mas pode variar mesmo sendo pertencente a mesma espécie e colônia. Não possuem soldados.

Apresentam de quatro a cinco espinhos no mesossoma. Os ninhos são feitos no solo, sendo alguns difíceis de serem observados, principalmente se não houver acúmulo de palha ao redor do orifício de saída das operárias. Coletam folhas e outras partes vegetais, transportam para o interior do ninho para cultivar um fungo que servirá de alimento.





Fonte: dedetizadorakioto.com.br

FORMIGA CORTADEIRA

Atta spp.

Também conhecida como cabeça-de-vidro, mata-pasto, saúva-parda, etc. Possuem coloração castanha fosca, as operárias são polimórficas; O polimorfismo em formigas cortadeiras refere-se às variações quantitativas e qualitativas dos órgãos olfativos que se encontram nas antenas das rainhas e soldados. Os soldados são maiores e com a cabeça bem maior e desproporcional ao corpo.

Possuem três pares de espinhos no tórax. Seus ninhos são feitos no solo e montes de terra solta o que facilita na identificação. Coletam folhas e outras partes vegetais, transportam para o interior do ninho para cultivar um fungo que lhe servirá de alimento. A rainha é conhecida por Tanajura ou Içá, que ao realizar seu voo nupcial, que ocorre geralmente de outubro a dezembro em dias quentes, claros e úmidos, acasala com diversos machos, cai, corta suas asas e começa a formar uma nova colônia.



Fonte:pt.wikipedia.org

FORMIGA LAVA-PÉ

Solenopsis invicta

A *Solenopsis invicta*, também conhecida como formiga lava-pé ou formiga-de-fogo, possui coloração que varia com a espécie, podendo ser amarelada, avermelhada, marrom clara ou escura. É uma espécie agressiva e suas picadas são dolorosas, possuem ferrão e injetam veneno que causam alergia localizada, e até choque anafilático em pessoas mais sensíveis.

Está amplamente distribuída no Cerrado, seus ninhos são geralmente encontrados em áreas abertas. Apesar de serem invasoras em algumas regiões, elas desempenham um papel importante no controle de populações de outros insetos.



Fonte: www.biodiversity4all.org

FORMIGA PRETA

Ectatomma brunneum



Fonte: kb.formicopedia.org

Essa espécie de formiga é comum nos ecossistemas do Cerrado e desempenha um papel importante no equilíbrio ecológico. Caracterizada por seu corpo escuro, geralmente de coloração preta ou marrom-escuro, essa formiga é conhecida por ser uma predadora ativa e oportunista, se alimenta de pequenos invertebrados, como insetos e aranhas, e também de fontes de alimento vegetal, como néctar e secreções ricas em açúcares de plantas e insetos.

Seu comportamento predatório é essencial para manter o equilíbrio das populações de outros invertebrados no Cerrado, ajudando a controlar pragas que poderiam causar danos à vegetação nativa. Essas formigas constroem seus ninhos no solo, geralmente em áreas abertas ou próximo a vegetação densa. Seus formigueiros podem variar em complexidade, mas tendem a ser relativamente simples, com uma estrutura que facilita o acesso a alimento e abrigo. A formiga preta também apresenta um comportamento defensivo robusto, protegendo agressivamente suas colônias contra intrusos.



Herbivoria e Predação

GRILOS E GAFANHOTOS

Grilos e gafanhotos são insetos abundantes no Cerrado, desempenhando papéis ecológicos importantes em seus ecossistemas. Ambos pertencem à ordem Orthoptera, mas possuem características e comportamentos distintos. No Cerrado, esses insetos estão bem adaptados às condições ambientais, como o clima seco e as mudanças sazonais, e desempenham funções fundamentais na cadeia alimentar e na manutenção da vegetação nativa.

Grilos e gafanhotos são partes essenciais da biodiversidade do Cerrado, contribuindo para processos ecológicos vitais, como a ciclagem de nutrientes, controle da vegetação e manutenção das cadeias alimentares. Embora algumas espécies de gafanhotos possam ser vistas como pragas em áreas agrícolas, no ambiente natural do Cerrado, eles desempenham um papel equilibrado e necessário.



GRILO

Gryllidae



Fonte: infoescola.com

Os grilos são insetos conhecidos pelo som característico que produzem, resultado do atrito de suas asas em um processo chamado estridulação, utilizado principalmente pelos machos para atrair fêmeas. No Cerrado, os grilos são encontrados em áreas de vegetação densa, solo arenoso e próximos a matéria orgânica, como folhas secas e troncos caídos. Os Grilos são geralmente onívoros, alimentando-se de uma variedade de fontes, incluindo plantas, sementes, matéria orgânica em decomposição e pequenos insetos. No Cerrado, eles ajudam na ciclagem de nutrientes, ao consumir matéria vegetal morta e outros resíduos.

Para sobreviver às condições secas e aos predadores no Cerrado, muitos grilos vivem escondidos durante o dia, emergindo à noite para forragear. Suas tocas subterrâneas ou embaixo de troncos oferecem proteção tanto contra o calor intenso quanto contra predadores.

GAFANHOTO

Acrididae

Os gafanhotos são mais conhecidos por sua capacidade de saltar grandes distâncias e pela sua dieta predominantemente herbívora. No Cerrado, os gafanhotos são altamente diversificados e desempenham papéis fundamentais como consumidores primários, alimentando-se de diversas espécies de gramíneas, arbustos e outras plantas.

Gafanhotos são herbívoros vorazes, com dietas baseadas em folhas e gramíneas. Em grandes números, podem causar danos à vegetação, especialmente em áreas de monocultura. Contudo, no ambiente natural do Cerrado, eles são parte essencial da cadeia alimentar, servindo de presa para aves, répteis, anfíbios e pequenos mamíferos.

Os gafanhotos têm um ciclo de vida que é ajustado às estações secas e chuvosas do Cerrado. Durante a estação chuvosa, eles se reproduzem rapidamente, com muitos ovos eclodindo no início da estação seca. Sua coloração camuflada permite que se escondam entre a vegetação, evitando predadores.



Fonte: https://mundoeducacao.uol.com.brFalcão.

O percurso

Ao longo da Trilha do Tatu e na área da Reserva Ecológica do Cerrado (REC), já foram registradas diversas espécies de vertebrados adaptadas ao clima seco e às diferentes paisagens do Cerrado, conforme o Plano de Manejo da REC (2016). Entre os mamíferos mais emblemáticos estão o lobo-guará, com suas longas pernas e pelagem avermelhada, e o tamanduá-bandeira, conhecido por sua longa língua, utilizada para capturar formigas e cupins. Também foram registrados macaco-prego, cachorro-do-mato, quati, mão-pelada, gambá-de-orelha-branca, sagui-de-tufo-preto e o nosso personagem-símbolo, um belo tatu-galinha que inspirou o nome da Trilha do Tatu. Além dos mamíferos, a REC abriga mais de uma centena de espécies de aves e dezenas de espécies de anfíbios e répteis. Durante a caminhada, com um pouco de atenção e silêncio, é possível observar ou ouvir algumas dessas espécies, tornando a experiência ainda mais rica e emocionante.

Nas próximas páginas, você conhecerá algumas das espécies de vertebrados registradas na Reserva Ecológica do Cerrado e que, eventualmente, podem ser encontradas ao longo da Trilha do Tatu.





Trilha do Tatu

VERTEBRADOS OBSERVADOS

GAMBÁ-DE-ORELHA-BRANCA

Didelphis albiventris



Fonte: www.nativealimentos.com.br

O gambá-de-orelha-branca, também conhecido como sariguê ou mucura em algumas regiões, é um marsupial da fauna brasileira que pode ser encontrado em diversos biomas, incluindo o Cerrado. Seu nome científico é *Didelphis albiventris*, e ele pertence à mesma família dos cangurus e coalas, ou seja, os marsupiais, que possuem uma bolsa abdominal onde os filhotes completam seu desenvolvimento.

Possui pelagem geralmente cinza ou esbranquiçada, com orelhas grandes e sem pelos, de coloração branca, o que lhe dá o nome popular. Pode medir entre 30 a 50 cm, com uma cauda comprida, sem pelos, que ajuda no equilíbrio e na locomoção entre galhos. Possui hábitos noturnos, vive solitário e é onívoro, alimentando-se de frutos, insetos, pequenos vertebrados, ovos e até carniça. Quando ameaçado, pode soltar um líquido fétido pelas glândulas anais ou até fingir-se de morto — comportamento chamado de tanatose.

Apesar de às vezes ser confundido com ratos, o gambá é inofensivo para os humanos e não deve ser perseguido. Pelo contrário, sua presença é um indicador de equilíbrio ecológico.

TAMANDUÁ-BANDEIRA

Myrmecophaga tridactyla

O tamanduá-bandeira é um dos animais mais emblemáticos do Cerrado brasileiro. Com sua aparência única e comportamento tranquilo, ele chama atenção tanto por sua importância ecológica quanto por ser um símbolo da fauna do Brasil Central. Pode chegar a medir até 2 metros de comprimento (incluindo a cauda) e pesar entre 30 e 45 kg. Possui pelos longos e uma coloração marcante com faixas pretas e brancas que formam um "V" sobre os ombros. Sua cauda é grande e peluda, parecendo uma bandeira — o que dá origem ao seu nome. Sua língua é fina e pode medir até 60 cm, usada para capturar formigas e cupins. Não possui dentes! Sua digestão é feita com a ajuda de enzimas e areia ingerida junto com os insetos.

Ele é bem adaptado aos campos limpos, cerrados e cerradões. Caminha com as patas dianteiras viradas para dentro, protegendo suas garras longas, que também usa para se defender e abrir cupinzeiros.



Plano de Manejo da Reserva Ecológica da UEG

Foto: Felipe Moreira de Melo (2024).

SAGUI-DE-TUFO-PRETO

Callithrix penicillata

O sagui-de-tufo-preto também conhecido como sagui-preto ou soim, é um pequeno primata bastante comum em áreas do Cerrado. Ele é um dos representantes mais conhecidos do gênero *Callithrix*, que inclui outros tipos de saguis. Vive em matas de galeria, cerradões, áreas de transição e até em áreas urbanas com árvores. Muito adaptável a ambientes modificados, o que favoreceu sua dispersão. Forma grupos familiares com até 15 indivíduos, e vivem em territórios bem definidos.



Plano de Manejo da Reserva Ecológica da UEG

Foto: Felipe Moreira de Melo (2024).

Possuem pequeno porte, com cerca de 20 a 30 cm de corpo e cauda longa (quase do mesmo tamanho ou maior que o corpo). Sua pelagem é geralmente acinzentada com manchas pretas ou escuras nas costas. A cabeça tem tufos de pelos pretos nas laterais da cabeça (daí o nome). Sua cauda é longa, anelada e não preênsil (não serve para se pendurar como a de outros primatas). E faz sons agudos e variados para se comunicar com o grupo.

MACACO-PREGO

Sapajus libidinosus



Plano de Manejo da Reserva Ecológica da UEG

Foto: Felipe Moreira de Melo (2024).

O macaco-prego também conhecido como capuchinho ou prego-de-topete, é um dos primatas mais inteligentes da América do Sul e está presente em várias regiões do Brasil, inclusive no Cerrado. Ele chama atenção por seu comportamento curioso, habilidade com ferramentas e organização social. Vivem em matas de galeria, cerradões, bordas de matas secas e áreas de transição com outros biomas. Também podem ser vistos em áreas degradadas e até se aproximar de zonas rurais e urbanas.

O corpo possui cerca de 30 a 50 cm, e a cauda quase do mesmo tamanho. Sua pelagem varia conforme a espécie, mas no Cerrado geralmente é marrom-escura, com a região da cabeça mais escura, formando uma espécie de "topete". Sua cauda é preênsil, ou seja, ele consegue usá-la para segurar galhos e se equilibrar. Em algumas regiões do Cerrado, já foram observados macacos prego usando pedras como martelos e bigornas para quebrar cocos e frutos duros — um dos exemplos mais avançados de uso de ferramentas entre primatas fora da África!

CACHORRO-DO-MATO

Cerdocyon thous



Fonte: www.ufrgs.br

O cachorro-do-mato é um canídeo nativo da América do Sul e um dos carnívoros mais comuns do Cerrado brasileiro. Apesar do nome, ele não é um cachorro doméstico selvagem, mas sim uma espécie silvestre, adaptada à vida em ambientes naturais e bastante importante para o equilíbrio ecológico do bioma.

Atua como predador e dispersor de sementes, ajudando no controle de populações de pequenos animais e na regeneração vegetal. É essencial para o equilíbrio ecológico, especialmente por ocupar o papel de mesopredador (predador de médio porte), ajuda a manter o equilíbrio em áreas degradadas ao controlar populações de roedores e insetos.

Mede cerca de 60 a 70 cm de comprimento (sem contar a cauda), e pesa entre 5 a 8 kg. Sua pelagem é geralmente acinzentada ou amarronzada, com pelos mais escuros no dorso e cauda espessa e escura. Seu focinho é fino e alongado, típico de animais com faro aguçado. E sua audição é bastante desenvolvida — ouve sons sutis de presas como roedores e insetos.

QUATI

Nasua nasua

O quati também conhecido como quati-de-cauda-anelada, é um mamífero carismático, curioso e bastante ativo, comum em diversos biomas brasileiros e bem presente no Cerrado. Seu comportamento social e aparência marcante fazem dele um dos animais mais fáceis de observar na natureza. Mede entre 40 a 70 cm de corpo, com uma cauda longa e anelada que pode ter quase o mesmo comprimento do corpo. Sua pelagem é variante entre o marrom, acastanhada ou avermelhada, com focinho longo e preto. Sua cauda é listrada, com anéis escuros, usada para equilíbrio e comunicação. O focinho é muito móvel e sensível, usado para farejar alimentos no solo e entre folhas.

Vive em matas de galeria, cerradões, áreas de campo com árvores e até perto de áreas rurais ou urbanas com vegetação. É um escalador ágil, sobe com facilidade em árvores, mas também se movimenta muito bem no solo. O quati é um onívoro oportunista, com dieta bastante variada: frutos, ovos, insetos, pequenos vertebrados, larvas e até restos de alimentos humanos em áreas urbanizadas.



Fonte: procarnivoros.org.br

MÃO-PELADA / GUAXINIM

Procryon cancrivorus

O mão-pelada também conhecido como guaxinim, é um mamífero curioso, ágil e noturno que vive em vários biomas do Brasil, incluindo o Cerrado. Apesar de ser mais associado a áreas úmidas, ele se adapta bem ao mosaico de *habitats* que o Cerrado oferece, especialmente próximo a rios, brejos e matas de galeria.



Fonte: ismaeljsnature.blogspot.com & www.catu.ba.gov.br

Mede cerca de 40 a 70 cm de comprimento, mais a cauda com 30 a 50 cm. Sua pelagem é marrom acinzentada com a clássica máscara preta no rosto. Sua cauda é longa e espessa, com anéis escuros. Seu nome popular vem das patas sem pelos visíveis, que parecem "mãos nuas", extremamente sensíveis e habilidosas.

O mão-pelada é um onívoro versátil, com uma dieta muito diversificada, alimenta-se de frutos, ovos, insetos, anfíbios, pequenos mamíferos, peixes e até restos de comida humana. Usa as mãos para explorar e manipular alimentos com grande precisão. De hábitos noturnos e solitário, exceto em época de reprodução ou com filhotes. Muito inteligente e com excelente memória espacial.

LOBO-GUARÁ

Chrysocyon brachyurus

O lobo-guará é o maior canídeo da América do Sul e um dos símbolos mais icônicos do Cerrado brasileiro. Com suas pernas longas, pelagem avermelhada e hábitos solitários, é uma figura marcante da fauna do bioma e tem um papel fundamental no equilíbrio ecológico da região. Pode chegar a 1 metro de altura nos ombros e pesar entre 20 e 30 kg. Sua pelagem é avermelhada, com manchas pretas nas pernas, focinho e uma "crina" que se eriça quando o animal está alerta. Possui pernas longas e adaptadas para caminhar na vegetação alta do Cerrado. Seu focinho fino e orelhas grandes ajudam na detecção de presas. O Cerrado é o bioma principal do lobo-guará, onde vive em campos limpos, cerrados abertos, veredas e matas de galeria. Prefere áreas planas e abertas, mas também transita por áreas de transição e até pastagens.



Fonte: pixabay.com

O lobo-guará é um onívoro oportunista, com uma dieta extremamente variada, come frutos (especialmente a fruta-do-lobo, ou lobeira, muito importante em sua dieta), pequenos vertebrados, como roedores, aves e répteis, e até insetos e invertebrados. A lobeira é uma fonte crucial de alimento para os lobos, ajudando na sua sobrevivência em períodos de escassez de outras fontes alimentares.

TATU-GALINHA

Dasypus novemcinctus



Fonte: brasilescola.uol.com.br

Nossa estrela da trilha, o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) é uma das espécies de tatus mais conhecidas do Brasil e bastante comum no Cerrado. Com seu corpo revestido por uma armadura de placas ósseas, hábitos escavadores e comportamento noturno, o tatu-galinha é uma figura típica das paisagens do interior do país.

Mede cerca de 40 a 50 cm de comprimento, com uma cauda de até 40 cm. Sua carapaça possui entre 7 a 11 bandas móveis no dorso (geralmente 9), o que lhe confere flexibilidade para se curvar. Possui cores que vai do marrom ao acinzentado, com pele dura e escamosa. Suas pernas são curtas e fortes,

O tatu-galinha tem uma estratégia reprodutiva curiosa: a fêmea dá à luz quatro filhotes idênticos (geneticamente iguais, ou seja, clones naturais), sempre do mesmo sexo. Isso é único entre os mamíferos!

com unhas grandes, adaptadas para cavar. Vive em campos abertos, cerrados *sensu stricto*, cerradões, matas de galeria e até em áreas agrícolas. Constrói tocas profundas, com até 2 metros de comprimento, onde se abriga do calor e de predadores.

O Tatu-galinha é insetívoro, com dieta baseada principalmente em insetos, como formigas, cupins, larvas, minhocas, aranhas e outros invertebrados encontrados no solo. Ocasionalmente, pode consumir frutos, fungos e pequenos vertebrados.

O Tatu-galinha é um animal solitário e de hábitos noturnos. Excelente escavador, passa grande parte do tempo dentro de suas tocas subterrâneas. Ao se sentir ameaçado, pode se entocar rapidamente, correr em zigue-zague ou se achatar contra o solo. Tem visão fraca, mas um olfato muito aguçado.



Tatu-Canastra

Fonte: biologo.com.br



Tatu-Bola

Fonte: oeco.org.br



Tatu-Peba

Fonte: oncafari.org

Mas não sou a única espécie encontrada no Cerrado. Em outras áreas, é possível encontrar o Canastra, o Bola e o Peba, somos muito parecidos, mas cada um com seu jeitinho...



Pegadas e rastros...



Fonte: Plano Manejo da REC (2016).

Nas atividades realizadas no LabEduc, os estudantes têm a oportunidade de conhecer de perto as **PEGADAS** e **RASTROS** deixados por diferentes animais que vivem ou transitam pela **TRILHA DO TATU**. A proposta foi organizada de forma interativa, permitindo que cada aluno tocasse, observasse e explorasse os moldes dos rastros, percebendo detalhes como tamanho, profundidade, formato e textura.

Essa experiência sensorial ajuda os estudantes a compreender que, mesmo quando os animais não são vistos diretamente, eles deixam indícios importantes de sua presença, contribuindo para a investigação científica no Cerrado. Ao relacionar os rastros analisados no laboratório com aqueles que podem ser encontrados durante a caminhada pela trilha, os alunos ampliam sua capacidade de leitura do ambiente, desenvolvendo observação atenta, curiosidade e compreensão sobre o comportamento da fauna local.

Aves

E as aves, quanta diversidade de cores e tamanhos! Ao caminharmos pela trilha é possível observá-las em vôo ou empoleiradas, ou mesmo ouvir os seus belos cantos! Vez ou outra nos deparamos com a ruidosa Siriema, sempre atenta e de olhar curioso!





Na construção do Plano de Manejo da Reserva, em 2016, foram catalogados 161 espécies de aves sobrevoando ou presente em nossa trilha e suas redondezas.

GAVIÃO-CARIJÓ

Rupornis magnirostris



Fonte: wikiaves.com.br

O gavião-carijó é uma ave de rapina bastante comum no Cerrado e em várias outras regiões do Brasil. De tamanho médio, ele mede cerca de 40 a 46 centímetros e tem plumagem parda com listras escuras no peito, que lembram manchas ou "carijós" — o que deu origem ao seu nome popular. Tem olhos amarelos e um olhar atento, típico dos predadores. Vive em campos abertos e matas. No Cerrado, é comum ouvir seu canto agudo e repetitivo ecoando pelas paisagens.



SIRIEMA

Cariama cristata

A siriema é uma ave típica do Cerrado e uma das mais características desse bioma. Ela tem pernas longas, corpo esguio, penugem acinzentada e uma crista de penas no topo da cabeça, que a torna fácil de identificar. Mede cerca de 90 cm de altura e prefere andar pelo chão a voar, sendo excelente corredora. Vive em campos abertos, savanas e pastagens, onde consegue se mover com agilidade para caçar e se proteger de predadores. Seu canto alto, forte e inconfundível pode ser ouvido a grandes distâncias.

Fonte: tripadvisor.com.br

QUERO-QUERO

Vanellus chilensis

O quero-quero é uma ave muito conhecida no Brasil, facilmente identificada pelo seu canto característico, que soa como "quero-quero", e por seu comportamento territorial bastante agressivo. Tem cerca de 35 a 40 cm de comprimento, plumagem em tons de cinza, peito preto, asas com reflexos verdes metálicos e uma mancha vermelha no bico. No Cerrado, o quero-quero vive em campos e cerradões, onde costuma fazer seu ninho diretamente no chão, em áreas abertas. Essa ave é um verdadeiro "vigia" natural, alertando outros animais (e até humanos) com seu canto sempre atento e barulhento.



Fonte: tripadvisor.com.br

ROLINHA

Columbina talpacoti



Fonte: wikiaves.com.br

A rolinha é o nome popular dado a várias espécies de pombinhas pequenas, e no Cerrado, as mais comuns são a rolinha-roxa (*Columbina talpacoti*) e a rolinha-cinzenta (*Columbina passerina*). São aves de pequeno porte, medindo cerca de 15 a 18 centímetros, com corpo compacto, bico fino e voo rápido. Costumam andar em duplas ou pequenos grupos, alimentando-se no chão, onde procuram sementes, pequenos frutos e grãos.

ANDORINHA

Pygochelidon cyanoleuca

As andorinhas são aves migratórias muito conhecidas por seu voo ágil e elegante. No Cerrado, várias espécies podem ser observadas. Elas são pequenas, com cerca de 15 a 20 centímetros, e apresentam plumagem geralmente escura com reflexos azulados ou metálicos, especialmente nos machos. Têm asas longas e pontiagudas, perfeitas para voos rápidos e manobras aéreas impressionantes.

Essas aves se alimentam principalmente de insetos em pleno voo, o que as torna aliadas importantes no controle de pragas. No Cerrado, é comum vê-las planando em bandos no céu ao entardecer ou empoleiradas em fios e galhos secos. As andorinhas são também símbolo de mudança de estação: muitas migram para o Cerrado durante épocas mais quentes, tornando-se um sinal da chegada da primavera e do verão.



Fonte: wikiaves.com.br

PICA-PAU-DE-BANDA-BRANCA

Dryocopus lineatus

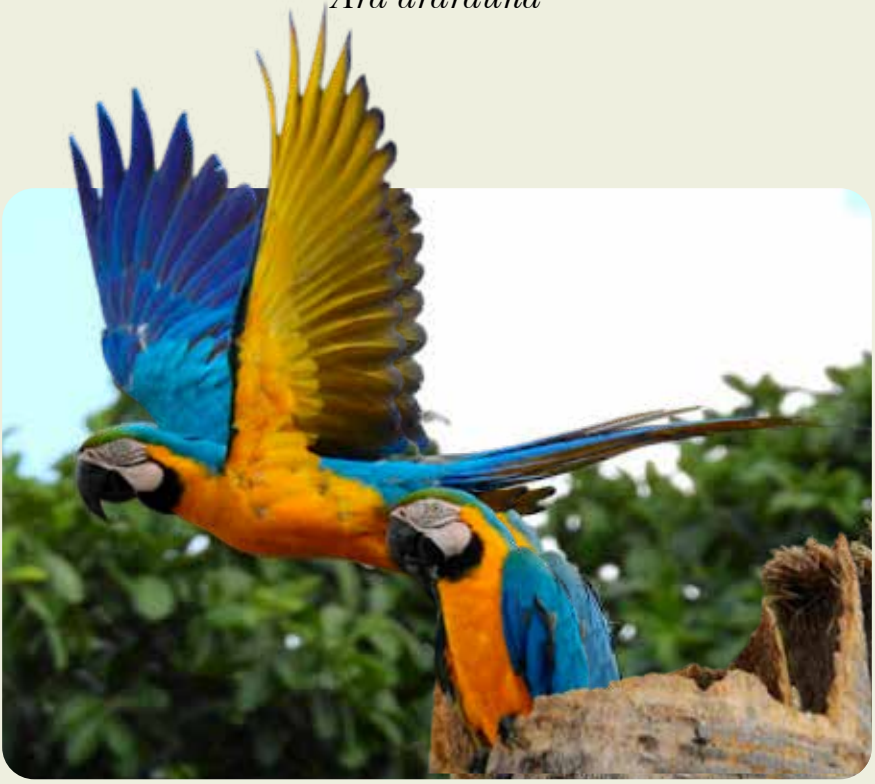
O pica-pau-de-banda-branca é uma das espécies mais impressionantes de pica-paus do Cerrado. De grande porte, pode medir até 33 centímetros de comprimento e é facilmente reconhecido por sua plumagem preta com uma faixa branca nas asas (a "banda branca") visível especialmente em voo. O macho tem uma crista vermelha vibrante que se destaca na paisagem, enquanto a fêmea também tem crista, mas com uma coloração um pouco menos intensa.



Fonte: wikiaves.com.br

ARARA-CANINDÉ

Ara ararauna



Fonte: Instituto Arara Azul

A arara-canindé é uma das aves mais espetaculares do Cerrado, conhecida por sua beleza, inteligência e vocalização marcante. Mede cerca de 80 a 90 centímetros de comprimento, com uma plumagem vibrante: corpo azul, peito e barriga amarelos, rosto branco com listras pretas e bico grande e curvado, ideal para quebrar sementes duras.

Vive em casais ou bandos e costuma voar em pares, emitindo gritos altos que ecoam pelas paisagens do Cerrado. Essa arara habita matas de galeria, buritizais e bordas de florestas no Cerrado, sempre em busca de frutos, sementes e castanhas, que compõem sua alimentação. Usa ocos de árvores altas, como buritis e ipês, para fazer seus ninhos.



MARACANÃ-PEQUENA

Diopsittaca nobilis

A maracanã-pequena, é uma pequena e encantadora ararinha nativa do Brasil, comum em regiões do Cerrado. Ela mede cerca de 30 cm de comprimento, sendo bem menor que as araras, mas ainda assim, muito colorida e ativa. Sua plumagem é predominantemente verde, com manchas azuladas ou vermelhadas nas asas, na cabeça, possui detalhes avermelhados ao redor do bico e os olhos são cercados por uma área clara de pele, típica dos psitacídeos. Essa ave vive em matas secas, cerradões, buritizais e bordas de matas no Cerrado, sempre em grupos barulhentos e muito sociáveis.



Fonte: wikiaves.com.br

CORUJA-BURAQUEIRA

Athene cunicularia



Fonte: amoaves.com.br

A coruja-buraqueira, também chamada corujinha-do-campo, é uma das aves mais simpáticas e facilmente observadas no Cerrado. Ela recebe esse nome porque vive em tocas no solo, muitas vezes escavadas por tatus ou ela mesma em terrenos arenosos. De porte pequeno, mede cerca de 23 cm, tem olhos grandes e amarelos, pernas compridas e plumagem marrom-clara com manchas brancas, o que ajuda na camuflagem. É comum vê-la empoleirada em mourões de cerca ou mesmo ao lado da própria toca, observando atenta ao redor. É conhecida por seu comportamento curioso e até "carismático", virando a cabeça com atenção diante de movimentos ou sons.

CODORNA-AMARELA

Nothura maculosa

A codorna-amarela é uma ave terrestre nativa da América do Sul e bastante comum em campos abertos, pastagens e áreas do Cerrado brasileiro. Mede cerca de 25 centímetros, tem corpo arredondado, cauda curta e plumagem parda amarelada, com manchas escuras que proporcionam excelente camuflagem entre a vegetação rasteira e o solo seco. Essa ave vive discretamente no chão, onde se alimenta de sementes, pequenos frutos e insetos. Raramente voa, e quando o faz é de forma rápida e baixa, preferindo correr para escapar de predadores.



Fonte: wikiaves.com.br

TIZIU

Volatinia jacarina



Fonte: wikiaves.com.br

O tiziu é um passarinho pequeno, mas muito ativo e encantador, comum em várias regiões do Brasil, inclusive no Cerrado. Mede cerca de 10 a 11 centímetros e se destaca principalmente na época de reprodução, quando o macho exibe uma plumagem totalmente preta com reflexos azulados, enquanto a fêmea mantém tons mais discretos, em marrom-claro e bege. Durante o restante do ano, o macho também perde essa coloração escura e fica parecido com a fêmea.

PERDIZ

Rhynchotus rufescens

A perdiz, é uma ave típica do Cerrado e de outros biomas brasileiros. São aves de porte pequeno a médio, com corpo arredondado, pernas curtas e plumagem camuflada em tons de marrom, cinza e preto, o que as ajuda a se esconder entre a vegetação rasteira e folhas secas. No Cerrado, são importantes para a dispersão de sementes e fazem parte da cadeia alimentar de predadores como rapinas e felinos.



Fonte: wikiaves.com.br

BEIJA-FLOR-DE-GARGANTA-VERDE

Amazilia fimbriata



Fonte: wikiaves.com.br

O beija-flor-de-garganta-verde é uma das espécies mais comuns de beija-flores no Cerrado. Ele mede cerca de 9 a 11 centímetros e é conhecido pelo brilho metálico de suas penas, principalmente na garganta, que reflete um tom esverdeado intenso quando a luz incide. O restante do corpo apresenta tons esverdeados e bronzeados, com a parte inferior mais clara.

Seu bico é longo, fino e ligeiramente curvado para baixo, perfeito para alcançar o néctar das flores. Alimenta-se principalmente de néctar, ajudando na polinização de várias espécies de plantas do Cerrado.

SABIÁ-LARANJEIRA

Turdus rufiventris



Fonte: passaro.org

O sabiá-laranjeira é uma das aves mais conhecidas e queridas do Brasil, sendo inclusive a ave símbolo nacional. Ele é facilmente reconhecido por seu canto melodioso e marcante. Tem cerca de 25 centímetros de comprimento, plumagem marrom no dorso e peito alaranjado, o que dá origem ao nome "laranjeira". Seus olhos, bico e pernas têm coloração amarelada, completando seu visual harmonioso.

No Cerrado, o sabiá-laranjeira é encontrado em matas de galeria, áreas urbanas, jardins e cerradões.

POMBA-DO-BANDO (Avoante)

Zenaida auriculata



Fonte: wikiaves.com.br

A pomba-do-bando é uma ave bastante comum no Cerrado. Tem porte médio, cerca de 27 centímetros de comprimento, e plumagem marrom-clara com tons rosados no peito, além de uma mancha escura na lateral da cabeça. Suas asas possuem uma faixa preta visível durante o voo, e seu canto é suave e repetitivo, frequentemente ouvido ao amanhecer e no final da tarde.

TUCANO-TOCO

Ramphastos toco



Fonte: avesornamentaisjej.com.br

O tucano-toco é o maior e um dos mais conhecidos tucanos do Brasil, facilmente reconhecido por seu enorme bico alaranjado com uma mancha preta na ponta. Apesar do tamanho, o bico é leve e funcional, ajudando o tucano a alcançar frutos em galhos finos e a regular a temperatura do corpo. Sua plumagem é preta, com garganta e peito brancos e ao redor dos olhos uma área azul-viva. Vive em áreas abertas com árvores esparsas, como o Cerrado, além de bordas de matas e até em plantações.

Viram como são vivas nossas Matas? Quantas aves colorindo e trazendo alegria por todos os cantos. Mas ainda faltam dois grupos muito importantes... os répteis e os anfíbios. Vamos conhecer alguns desses amigos que também moram por aqui!

Serpentes

O Cerrado abriga uma grande diversidade de répteis, sendo um dos biomas com maior variedade desse grupo na América do Sul. Esses animais estão bem adaptados ao clima quente e seco, e desempenham papéis importantes no equilíbrio ecológico, como controle de pragas e dispersão de sementes. Em relação ao grupo das serpentes, grande parte apresenta ampla distribuição geográfica, carecendo ainda de dados sobre endemismos. A seguir relacionamos algumas das espécies de serpentes já registradas na Reserva Ecológica do Cerrado (REC) da UEG.

Espécies de serpentes observadas

Falsa-Coral-de-Barriga-Branca	*Oxyrhopus trigeminus*
Jararaca-do-Campo	*Bothrops moojeni*
Jararaca-pintada	*Bothrops pauloensis*
Cascavel	*Crotalus durissus*

Essa galerinha às vezes me assuta! Mesmo sabendo que estão apenas se defendendo. Com as serpentes todo cuidado é pouco, por isso a descida na trilha é feita com o uso de perneiras de couro e muita atenção.

FALSA-CORAL-DE-BARRIGA-BRANCA

Oxyrhopus trigeminus

A falsa-coral-de-barriga-branca é uma serpente não peçonhenta (não possui veneno perigoso para humanos) bastante comum no Cerrado e em outros biomas do Brasil. É conhecida por imitar as cores das cobras corais verdadeiras, uma estratégia de defesa chamada mimetismo batesiano. Apresenta corpo fino, com coloração em tons de vermelho, preto e branco (ou creme), em anéis irregulares, além da barriga esbranquiçada, o que a diferencia da coral-verdadeira.



Fonte: biodiversity4all.org

JARARACA-DO-CAMPO

Bothrops moojeni



Fonte: www.flickr.com

A jararaca-do-campo é uma serpente peçonhenta típica do Cerrado brasileiro, especialmente comum em regiões de vegetação mais aberta, campos e matas de galeria. É uma das maiores espécies do gênero *Bothrops*, podendo atingir até 2 metros de comprimento, com corpo robusto e forte. Sua coloração varia entre tons de marrom, cinza e oliva, com manchas escuras em forma de triângulo ou ferradura ao longo do corpo, o que ajuda na camuflagem entre folhas secas e vegetação. Essa jararaca tem hábitos principalmente noturnos, mas pode ser vista durante o dia, especialmente em períodos mais úmidos. Seu veneno é potente, com ação hemorrágica e necrosante, e pode causar dor intensa, inchaço, sangramentos e, em casos graves, complicações sistêmicas.

JARARACA-PINTADA

Bothrops pauloensis

A jararaca-pintada é uma serpente venenosa típica do Cerrado, embora também possa ser encontrada em áreas de transição com outros biomas. Conhecida por seu comportamento discreto, mas defensivo quando ameaçada. Mede em média de 70 a 120cm de comprimento, com corpo robusto e coloração que varia entre tons de marrom, cinza e bege, apresentando manchas escuras ou losangos — o que justifica o nome "pintada". Essa serpente tem hábitos principalmente noturnos e vive em áreas de vegetação mais densa ou próximas a cursos d'água no Cerrado, onde se alimenta de roedores, anfíbios, aves e pequenos répteis.



Fonte: herpetofaunabrasileira

CASCAVEL

Crotalus durissus



Fonte: herpetofaunabrasileira

A cascavel é uma das serpentes mais conhecidas e temidas do Brasil. É uma cobra peçonhenta, facilmente identificada pelo chocalho na ponta da cauda, formado por segmentos de queratina que produzem um som característico quando agitados — um aviso sonoro para afastar possíveis ameaças. Essa espécie pode atingir 1,5 a 2 metros de comprimento, com coloração em tons de marrom, cinza ou bege, marcada por desenhos em forma de losangos ou zig-zag ao longo do corpo. No Cerrado, a cascavel prefere áreas abertas e secas, como campos e pastagens, onde se camufla facilmente. Seu veneno é potente, com ação neurotóxica e miotóxica, podendo causar sintomas graves se não houver atendimento médico rápido.

Lagartos

Os lagartos não têm grande dependência de ambientes úmidos, em virtude de certas características como pele impermeável, fecundação interna, ovos com casca e excreção de ácido úrico, podendo ocorrer em ambientes secos. No Cerrado são encontrados em diferentes fitofisionomias, sendo grande parte nos ambientes abertos, como no cerrado *stricto sensu*. A seguir são listadas algumas das espécies de Lagartos comumente encontradas no Cerrado.

Espécies de largatos observados

Papa Vento	*Norops brasiliensis*
Calango	*Tropidurus torquatus*
Lagarto Verde	*Ameiva ameiva*
Teiú	*Salvator merianae*

Fonte: chunb.org

PAPA-VENTO

Norops brasiliensis

Papa-vento é um lagartinho pequeno e ágil, com capacidade de mudar ligeiramente de cor para se camuflar. Vive em arbustos e troncos, alimentando-se de pequenos insetos. É conhecido pelo comportamento de "abanar a cabeça" e inflar a papada colorida durante disputas territoriais.



CALANGO

Tropidurus torquatus

Calango é muito comum em locais ensolarados e pedregosos do Cerrado. Tem hábitos diurnos e se aquece ao sol. Alimenta-se de insetos e pequenos artrópodes. É rápido e territorialista, sendo fácil de observar em muros, rochas e troncos.



Fonte: www.flickr.com



Fonte: www.inaturalist.org

LAGARTO-VERDE

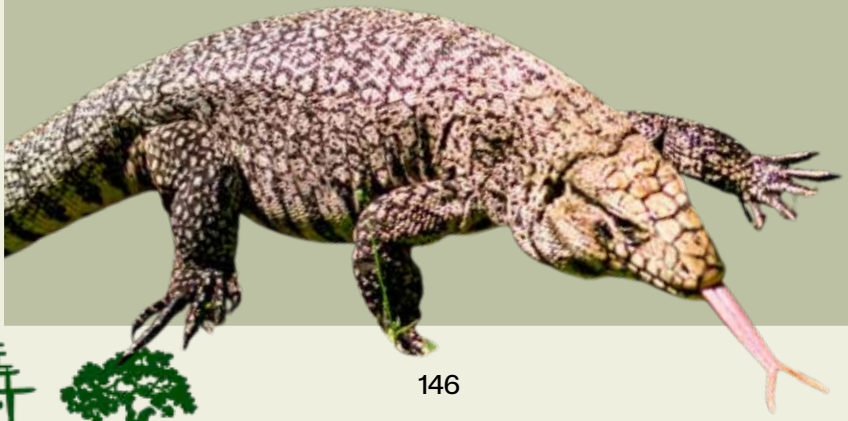
Ameiva ameiva

O Lagarto-verde é um lagarto terrestre, rápido e de corpo longo, com reflexos esverdeados ou azulados. Vive no solo, em campos e clareiras, onde caça insetos, aranhas e outros invertebrados. É ativo durante o dia e corre velozmente ao menor sinal de perigo.

TEIÚ

Salvator merianae

O Teiú é um dos maiores lagartos do Brasil, podendo ultrapassar 1,5 metro. Onívoro, come frutos, ovos, pequenos animais e até carniça. É robusto, resistente e bastante comum no Cerrado, onde vive tanto em matas quanto em áreas abertas.



Fonte: ecoregistros.org

Anfíbios

Os anfíbios que vivem no Cerrado representam uma grande diversidade de espécies, com muitos deles sendo endêmicos, ou seja, encontrados apenas nesse bioma. Eles são essenciais para o equilíbrio ecológico, atuando no controle de insetos e como indicadores de qualidade ambiental, já que são muito sensíveis a mudanças no ambiente, como poluição e destruição de habitat. A seguir, relacionamos alguns dos principais anfíbios vistos em nossa trilha e pela Reserva Ecológica do Cerrado (REC) da UEG.

Principais espécies de anfíbios

Sapo-cururu	*Rhinella schneideri* *Rhinella rubescens*
Rã-assobiadora	*Leptodactylus fuscus*
Rã-pimenta	*Leptodactylus labyrinthicus*
Perereca	*Dendropsophus minutus* *Dendropsophus cruzi*
Perereca-verde	*Pithecopus azureus*

SAPO-CURURU

Rhinella schneideri
Rhinella rubescens

Sapões robustos, com glândulas atrás dos olhos que liberam uma substância tóxica como defesa. São comuns no Cerrado e ajudam no controle de insetos.



Fonte: researchgate.net

O *R. schneideri* é maior e mais comum em áreas abertas.



Fonte: researchgate.net

R. rubescens é menor e mais associado a regiões de mata.

RÃ-ASSOBIADORA

Leptodactylus fuscus

Pequena e ágil, vive em locais úmidos e é famosa pelo canto parecido com um assobio. Tem hábitos noturnos e costuma se esconder sob folhas ou pedras durante o dia.



Fonte: pt.wikipedia.org



Fonte: biofaces.com

RÃ-PIMENTA

Leptodactylus labyrinthicus

Uma das maiores rãs do Cerrado, pode ultrapassar 15 cm! Solta um odor forte (daí o nome) e vive em ambientes alagadiços ou próximos de lagoas. Aqui em nossa trilha, ela se encontra em poços de água, nas sombras da Mata de galeria. Come insetos e até pequenos vertebrados.



Foto: pt.wikipedia.org

PERERECA-VERDE

Pithecopus azureus

Belíssima, com corpo verde vibrante e manchas azuladas nas pernas. Tem hábitos arborícolas e vive em vegetação próxima a corpos d'água. Seus olhos grandes e aparência delicada a tornam uma das pererecas mais fotogênicas do Cerrado.



Foto: ufrgs.br

PERERECA-COMUM

Dendropsophus minutus

Pequena, ativa à noite e muito vocal na época das chuvas. Vive em vegetação baixa e áreas úmidas. É comum e bem adaptada a ambientes alterados.



Foto: Plano de Manejo da REC-UEG

PERERECA-DO-CERRADO

Dendropsophus cruzi

Semelhante à *D. minutus*, mas com canto e distribuição diferentes. Vive em áreas mais secas e abertas, e também participa do "coro" noturno na estação chuvosa.

A trilha como caminho

Para o saber e a conservação do Cerrado

Encerrar esta jornada pelo Cerrado é também abrir portas para novos olhares. A **TRILHA DO TATU**, revela-se como sendo muito mais que um percurso por entre árvores retorcidas, gramíneas douradas e sons de insetos e pássaros. Ela é um espaço vivo de educação científica, onde os visitantes aprendem a observar, investigar, refletir e valorizar a diversidade biológica e cultural do bioma Cerrado.

Ao longo do caminho, plantas, insetos, fungos e formas distintas de vegetação se apresentam como protagonistas de um ecossistema complexo, resistente e, ao mesmo tempo, ameaçado. Cada pegada, galho ou galha, ou som é um convite ao encantamento e à curiosidade científica — características essenciais para formar cidadãos conscientes e engajados com a preservação da natureza.

Mais do que ensinar nomes, espécies ou funções deste meio, esta trilha propõe vivências sensíveis e integradas, despertando o sentimento de pertencimento e o compromisso com a sustentabilidade. Ao reconhecer o Cerrado como patrimônio natural e cultural, reafirmamos a importância da conservação ambiental aliada à educação.

Que cada passo dado na **TRILHA DO TATU** seja também um passo rumo a um futuro mais equilibrado entre seres humanos e natureza. Que o conhecimento compartilhado aqui continue a florescer em cada sala de aula, comunidade e iniciativa de preservação.

E depois de aprendermos tanto por este caminho... Vamos nos preparar para uma nova aventura. Até mais...



Índice

Aos Monitores da Trilha do Tatu 9
O tatu explorador. 10
O que sabemos sobre o Cerrado?. 17
As fitofisionomias do Cerrado 19
Qual a localização da Trilha do Tatu? 21
Laboratório de Ecologia e Educação Científica
(LabEduc) 23
Reserva Ecológica do Cerrado (REC) 25
Tato, o Guia da Trilha. 26
Vamos conhecer a Trilha?. 27

1. ESPÉCIES VEGETAIS COMUNS
NA ÁREA DE CERRADO TÍPICO
Jatobá-do-cerrado, *Hymenaea stigonocarpa* Mart.
ex Hayne 33
Miconia, *Miconia ferruginata* DC / *Miconia albicans* DC . . 34
Barbatimão, *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville. 36
Cafezinho, *Rapanea guianensis* (Aubl.) Kuntze 37
Vassoura-de-bruxa, *Ouratea hexasperma* (A. St.-Hil) Baill. 38
Caparrosa-branca, *Neea theifera* Oerst. 39
Pau-terra, *Qualea grandiflora* Mart. 40
Canela-de-ema, *Vellozia squamata* Pohl 41
Marmelo-do-Cerrado, *Plenckia populnea* Reisssek 42
Coração-de-negro, *Piptocarpha rotundifolia* Baker- 43
Laranjinha-do-cerrado, *Styrax ferrugineus* Nees & Mart. 44
Bate-caixa, *Palicourea rigida* HBK 45
Pau-doce, *Vochysia rufa* (Spreng.) Mart. 46
Murici, *Byrsonima pachyphylla* A.Juss.. 47

Murici-rosa, *Byrsonima coccolobifolia* Kunth 48
Olho-de-boi, *Diospyros lasiocalyx* (Mart.) B.Walln. 49
Araçá, *Psidium laruotteanum* 50
Carne-de-vaca, *Roupala montana* Aubl. 51
Mangaba, *Hancornia speciosa* Gomes 52
Lixeirinha, *Davilla elliptica* A.St.-Hil.. 53
Bacupari, *Salacia crassifolia* (Mart. ex. Schult.) G. Don . 54
Pau-santo, *Kielmeyera speciosa* A.St.-Hil.. 55
Pau-de-leite, *Himatanthus obovatus* (Muell.Arg.) Woodson 56
Muxiba-comprida, *Erythroxylum tortuosum* Mart.. 57
Cabelo-de-negro, *Erythroxylum suberosum* A.St.-Hil. 58
Lobeira, *Solanum lycocarpum* A.St.-Hil. 59
Cajuzinho-do-cerrado, *Anacardium humile* A. St.-Hil. . . . 60

Observando mais de perto 61
As Galhas da Trillha do Tatu 63
Então... 65
E para fechar a primeira etapa... 66
Parada obrigatória... 70

2. MATA SECA (Mata Estacional Semidecidual) 73
Funga da Trilha do Tatu 78
Briófitas 81
Sobre as sensações... 82

3. MATA DE GALERIA. 83
Enquanto isso no rio... 87
Efemerópteros (Ephemeroptera) 89
Libélulas e Donzelinhas (Odonata). 90
Besouros Aquáticos (Coleoptera) 91
Percevejos Aquáticos (Hemiptera) 92
Insetos aquáticos no LabEduc 93
Ciência que se toca 93

4. INTERAÇÕES ECOLÓGICAS OBSERVADAS 95
Polinização 98
Pau-santo, *Kielmeyera speciosa* A.St.-Hil. 99
Laranjinha-do-Cerrado, *Styrax ferrugineus* Nees & Mart. 99
Murici, *Byrsonima pachyphylla* A.Juss. 99
E as Formigas, qual o seu papel no Cerrado? 100
Formiga cortadeira, *Acromyrmex spp* 101
Formiga cortadeira, *Atta spp* 102
Formiga lava-pé, *Solenopsis invicta* 103
Formiga preta, *Ectatomma brunneum* 104
Herbivoria e Predação 105
Grilo, Gryllidae 106
Gafanhoto, Acrididae 107
O percurso 108

5. VERTEBRADOS OBSERVADOS 109
Gambá-de-orelha-branca, *Didelphis albiventris* 111
Tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla* 112
Sagui-de-tufo-preto, *Callithrix penicillata* 113
Macaco-prego, *Sapajus libidinosus* 114
Cachorro-do-mato, *Cerdocyon thous* 115
Quati, *Nasua nasua* 116
Mão-Pelada — Guaxinim, *Procryon cancrivorus* 117
Lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus* 118
Tatu-galinha, *Dasypus novemcinctus* 119

PEGADAS E RASTROS 121

AVES 122
Gavião-Carijó, *Rupornis magnirotris* 123
Siriema, *Cariama cristata* 124
Quero-quero, *Vanellus chilensis* 125
Rolinha, *Columbina talpacoti* 126
Andorinha, *Pygochelidon cyanoleuca* 127
Pica-pau-de-banda-branca, *Dryocopus lineatus* 128

Arara-canindé, *Ara ararauna* 129
Maracanã-pequena, *Diopsittaca nobilis* 130
Coruja-buraqueira, *Athene cunicularia* 131
Codorna-amarela, *Nothura maculosa* 132
Tiziu, *Volatinia jacarina* 133
Perdiz, *Rhynchotus rufescens* 134
Beija-flor-de-garganta-verde, *Amazilia fimbriata* 135
Sabiá-laranjeira, *Turdus rufiventris* 136
Pomba-do-bando (Avoante), *Zenaida auriculata* 137
Tucano-toco, *Ramphastos toco* 138

SERPENTES 139
Falsa-Coral-de-Barriga-Branca, *Oxyrhopus trigeminus* . . . 140
Jararaca-do-campo, *Bothrops moojeni* 141
Jararaca-pintada, *Bothrops pauloensis* 142
Cascavel, *Crotalus durissus* 143

LAGARTOS 144
Papa-vento, *Norops brasiliensis* 145
Calango, *Tropidurus torquatus* 145
Lagarto-verde, *Ameiva ameiva* 146
Teiú, *Salvator merianae* 146

ANFÍBIOS 147
Sapo-cururu, *Rhinella schneideri* / *Rhinella rubescens* 148
Rã-Assobiadeora, *Leptodactylus fuscus* 149
Rã-pimenta, *Leptodactylus labyrinthicus* 149
Perereca, *Pithecopus azureus* 150
Perereca-verde, *Dendropsophus minutus*
/ *Dendropsophus cruzi* 150

A trilha como caminho 151

Referências

BASTOS, Lázaro Antônio. Composições Fitofisionômicas do Bioma Cerrado: estudo sobre o subsistema de Vereda. **Espaço em Revista**, Goiânia, v. 12, n. 1, 2010.

BITENCOURT, Maria Dalceia; MESQUITA JÚNIOR, Helio Nobre de; MANTOVANI, Waldir; BATALHA, Marco Antônio; PIVELLO, Vania Regina. Identificação de fisionomias do Cerrado com imagem-índice de vegetação. In: CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO ECOLÓGICO DO CERRADO, 1., 1997, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ecologia, 1997. p. 316-320.

RIBEIRO, J. F; WALTER, B. M. T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P.; RIBEIRO, J. F. **Cerrado**: ecologia e flora. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008. v.1, p. 151-199.

SANTOS, Igor Romeiro dos *et al*. Análises da bioprospecção de fungos endofíticos da planta medicinal *Palicourea rigida* Kunth (Rubiaceae): atividades biológicas detalhadas. **Journal of Fungi**, [*s. l.*], 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. **Plano de Manejo da Reserva Ecológica da UEG**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016. 270 p.

Leitura complementar

AGOSTINI-COSTA, Tânia da Silveira *et al*. Anacardium spp.: caju-do-cerrado. In: _____. **Plantas para o futuro: Região Centro-Oeste**. Brasília, DF: MMA, 2017. cap. 5: Alimentícias, p. 138-149.

ALEXANDRE JÚNIOR, William Resende; SOARES JÚNIOR, Flávio José. Estrutura populacional de *Roupala montana* Aubl. em um trecho de cerrado *sensu stricto* no sul de Minas Gerais, Brasil. **Pesquisas, Botânica**, São Leopoldo, n. 60, p. 301-314, 2009.

ALVES-DA-SILVA, Dulce. **Germinação, tolerância à dessecação e ao congelamento de sementes de *Vellozia squamata* Pohl: germinação e conservação *ex situ* de sementes da canela-de-ema**. Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2021. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 373).

BIRAL, Leonardo; LOMBARDI, Júlio Antônio. Celastraceae. In: **Flora do Brasil 2020**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2020. p. 230-232.

CARVALHO, Paulo Ernane Ramalho. Capororoca-do-cerrado: *Rapanea guianensis*. In: _____. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília, DF: Embrapa, [s.d.]. v. 5, p. 189-195.

CARVALHO, Paulo Ernane Ramalho. Lobeira: *Solanum lycocarpum*. In: _____. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília, DF: Embrapa, [s.d.]. v. 4, p. 341-347.

CARVALHO, Paulo Ernane Ramalho. Pau-terra-grande: *Qualea grandiflora*. In: _____. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília, DF: Embrapa, [s.d.]. v. 3, p. 423-428.

CHACON, Roberta Gomes. **Ochnaceae s.s. nos estados de Goiás e Tocantins, Brasil**. 2011. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

CHAVES, Rayane Aparecida de Queiroz; RAMOS, Maria Perpétua Oliveira. Avaliação do efeito carcinogênico e/ou anticarcinogênico

do látex de *Himatanthus obovatus* em células somáticas de *Drosophila melanogaster* e o teor de sua atividade antioxidante, flavonoides totais e taninos totais. **Revista Perquirere**, v. 20, n. 2, p. 26-42, 2023.

CONSTANTINO, Reginaldo. **Cupins do cerrado**. 1. ed. [S. l.]: Ed. Technical, 2014.

DIAS, Mariana Virginia de Freitas, *et al*. **Características anatômicas da folha de *Erythroxylum tortuosum* Mart. (Erythroxylaceae) em ambiente de cerrado** *stricto sensu* **e campo rupestre**. 2019. 44 p. Dissertação (Mestrado em Botânica Aplicada) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019.

FERREIRA, Heleno Dias *et al*. Estudo morfoanatômico e atividade antimicrobiana das folhas de *Miconia ferruginata* DC. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 11, n. 2, p. 19-30, 2022.

MENEZES FILHO, Antonio Carlos Pereira de *et al*. Avaliações físico-químicas, fitoquímicas e bioativas do extrato hidroetanólico floral de *Styrax ferrugineus* Nees & Mart. (laranjinha-do-cerrado). **Brazilian Journal of Natural Sciences**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 380, 2020.

MENEZES FILHO, Antonio Carlos Pereira de *et al*. Prospecção fitoquímica preliminar dos frutos do jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne) e murici-bravo (*Byrsonima coccolobifolia* Kunth). **Global Science and Technology**, Rio Verde, GO, v. 11, n. 3, p. 241-255, 2018.

FRANZON, Rodrigo Cezar *et al*. **Araçás do gênero *Psidium*: principais espécies, ocorrência, descrição e uso**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2009. (Documentos, 266).

ISHINO, Marcela Naomi *et al*. Efeito de borda e fenologia em *Erythroxylum tortuosum* Mart. (Erythroxylaceae), uma planta típica do cerrado brasileiro. **Brazilian Journal of Biology**, v. 72, p. 587-594, 2012.

JÁCOME, Rose Lisieux R. Paiva, *et al*. Estudo farmacognóstico comparativo das folhas de *Davilla elliptica* A. St.-Hil. e *D. rugosa* Poir., Dilleniaceae. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, PR, v. 20, n. 3, p. 390 – 396, 2010.

KUHLMANN, Marcelo; ANDRADE, Thamyres. **Frutos do cerrado: 100 espécies atrativas para *Homo sapiens***. Brasília, DF: Ed. BIOM, 2021.

KUHLMANN, Marcelo. **Aves do cerrado: espécies visitantes em uma área em recuperação no Distrito Federal**. 1. ed. Brasília, DF: Projeto BIOMAS, 2020.

KUHLMANN, Marcelo. **Frutos e sementes do cerrado atrativos para fauna: guia de campo**. Brasília, DF: Rede de Sementes do Cerrado, 2012.

LEONARDO-SILVA, Lucas *et al.* Ecological aspects of myxomycete assemblages in two Brazilian Cerrado landscapes. **Slime Molds 1** (2021) V1A8, 2021. DOI:10.5281/zenodo.5098451. Disponível em: https://slimemolds.org/PDF /V1A8. pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

LEONARDO-SILVA, Lucas, *et al.* Bioprospecção de Fungos de um Fragmento de Cerrado no Brasil Central para Aplicações Biotecnológicas. **Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 288–305, 2018. DOI: 10.21664/2238-8869.2018v7i1.p288-305. Disponível em: https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/2299. Acesso em: 25 jul. 2025.

LOPES, Renata de Melo Ferreira; FREITAS, Valéria Lúcia de Oliveira; BARBOSA, Paulina Maria Maia. Estrutura do componente arbóreo em áreas de cerrado no município de São Tomé das Letras, MG. **Revista Árvore**, Viçosa, MG, v. 37, n. 5, 2013.

MEIRELES, Andressa Cavalcante. Sincronicidade fenológica de *Byrsonima pachyphylla* A. Juss. e *B. verbascifolia* (L.) DC. (Malpighiaceae) e sua relação com a sazonalidade climática. **Revista Árvore**, Viçosa, MG, v. 47, 2023.

MENDONÇA, Joalice de Oliveira; AMARAL-JÚNIOR, Ayrton. Erythroxylaceae. In: **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo: Instituto de Botânica, [s.d.]. v. 2, p. 107-120, 2002.

OLIVEIRA, Charles Martins de; FRIZZAS, Marina Regina. **Insetos de cerrado: distribuição estacional e abundância**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 216).

GUARIM NETO, Germano; MORAIS, Ronan Gil de. Plantas medicinais com potencial ornamental: um estudo no cerrado de Mato Grosso. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p. 89-97, 2003.

RAVEN, Peter H.; EVERT, Ray F.; EICHHORN, Susan E. **Biologia vegetal**. Tradução de Ana Paula Pimentel Costa *et al.* 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

RÊGO, Nadyelle Silva *et al.* Diversidade de anfíbios e répteis em um fragmento de cerrado no Brasil Central. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HERPETOLOGIA, 9., 2019, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: Galoá, 2019.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. As principais fitofisionomias do bioma cerrado. In: **Embrapa Cerrados**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008. p. 151-212.

SÁ, Paulo César Ferreira de; SANTOS, Mirley Luciene dos. Galhas entomógenas e suas plantas hospedeiras na trilha do tatu. In:

ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG — EEPEX, 11., 2025, Anápolis. **Anais** [...]. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2025.

SANTOS, Luiz Washington *et al.* Fenologia de *Lafoensia pacari* A. St.-Hil. (Lythraceae) em Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Maringá, PR, v. 11, p. 12-17, 2009.

SCHNEIDER, Lucinéia Cavalheiro *et al.* Caracterização física e química de frutos de bacupari, *Salacia crassifolia* (Mart. ex Schult.) G. Don, provenientes do município de Barreiras, BA. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 3, 2020.

SILVA JÚNIOR, Manoel Cláudio da. **100 árvores do cerrado: sentido restrito**. Brasília, DF: Rede de Sementes do Cerrado, 2012.

SILVA, América José da *et al.* **Cerrado: sabor e saber**. Brasília, DF: UNICEUB, 2016.

SILVA, Ana Palmira. **Biologia reprodutiva e polinização de *Palicourea rigida* H. B. K. (Rubiacea)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1995.

SILVA, Letícia Maria Souto, *et al.* **As árvores do cerrado no Clube Caça e Pesca Itororó, Uberlândia, Estado de Minas Gerais, Brasil**. Hoehnea 49: e72-20212021, 1 tab., 2 fig., 2022. DOI: 10.1590/2236-8906-72-2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hoehnea/a/rpYwty8Tgm7XQXyfyJxZ3ZL/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 18 mai. 2025.

SONODA, Kathia Cristhina. **Variação temporal da fauna de insetos aquáticos do Córrego Sarandi, DF**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2010. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 291).

SOUZA, Michelly Carneiro de; SIMIÃO-FERREIRA, Juliana. Influência de fatores ambientais sobre as comunidades de macroinvertebrados aquáticos em lagoas de inundação do rio Araguaia. In: CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG, 2., 2015, Pirenópolis. **Anais** [...]. Pirenópolis: UEG, 2015.

TEIXEIRA, Francieli; MARTINS, Marcus Vinícius de Miranda. Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville): uma revisão bibliográfica de sua importância farmacológica e medicinal. In: **Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas**. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002. p. 296.

VITTO, Luan da Silva *et al.* Influência da estrada sobre a distribuição de *Erythroxylum suberosum*, a ocorrência de galhas e de herbivoria foliar. **Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente**, v. 5, n. 4, 2024.

SOBRE O LIVRO

Formato: 16x23 cm

Fonte: GoudyOlSt BT

Número de Páginas: 164

Todos os direitos reservados a autora.

2026

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Câmpus
Anápolis de Ciências
Exatas e Tecnológicas
Henrique Santillo

Universidade
Estadual de Goiás

FAPEG
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado de Goiás